

# **Hamlet**

***VERSUS***

# **Édipo**

**Tragédia de Carlos Gerbase**

**com os personagens de Shakespeare e Sófocles**

Todos os direitos reservados

### **Personagens**

**Hamlet**, 18 anos, filho de dono de bordel  
**Chefe**, 55 anos, pai de Hamlet, criador e primeiro proprietário do bordel Clube Dinamarca, morto há seis meses  
**Édipo**, 30 anos, ator e diretor famoso  
**Cláudio**, 45 anos, tio de Hamlet, marido de Gertrudes, atual dono do bordel  
**Polônio**, 60 anos, gerente do bordel e pai de Ofélia  
**Ofélia**, codinome "Helena", 20 anos, striper e prostituta, filha de Polônio  
**Jocasta**, 50 anos, esposa de Édipo, atriz de grande sucesso, cliente assídua de clínicas de cirurgia plástica  
**Creonte**, 45 anos, irmão de Jocasta, produtor de cinema  
**Marcelo**, 25 anos, segurança do bordel  
**Bernardo**, 25 anos, segurança do bordel  
**Tirésias**, 60 anos, respeitado crítico de cinema e TV  
**Gertrudes**, 40 anos, ex-mulher do Chefe, agora mulher de Cláudio  
**Fortinbrás**, 30 anos, dono de outro bordel  
**Vanessa**, 20 anos, striper e prostituta  
**Dois capangas** de Fortinbrás, 20 anos  
**Páris**, 20 anos, striper  
**Prostitutas**  
**Garçons**  
**Convidados do aniversário** (pessoas do público, que são convidadas a ocupar as mesas no decorrer da peça)

### **Cenário**

Interior de um bordel luxuoso, com quatro ambientes (três reais e um virtual). Ao centro, o **salão** principal, com mesas, um balcão de bar e um pequeno palco para apresentações de strip-tease; à esquerda, o **escritório**, com uma escrivaninha e um armário de aço, onde fica escondida a monitoração da suíte de luxo; à direita, o **corredor de entrada da suíte** de luxo. Um telão disponibiliza para a platéia a imagem e o som do **interior da suíte**, levados por uma câmera e um microfone escondidos no teto da suíte até um sistema de monitoramento que é acessado no escritório (o público vê o mesmo que os personagens vêem quando acessam este sistema).

**CENA 1 Salão**

**Dois garçons** arrumam as mesas no salão principal, ainda deserto. **Marcelo** conversa com **Vanessa**, que se maquia preguiçosamente. **Bernardo** entra no salão. Marcelo e Bernardo estão armados e têm inter-comunicadores pendurados nas orelhas. Os dois se cumprimentam com um tapa forte das mãos espalmadas.

MARCELO - E aí, Bernardo?

BERNARDO - Beleza, Marcelo? *(para Vanessa)* Tudo bem, Vanessa? Não vai dar um beijo no tio?

Vanessa faz um gesto obsceno para Bernardo, que ri.

MARCELO - *(para Bernardo)* Trouxe aquela parada que o chefe pediu?

BERNARDO - Trouxe. E é boa à beça.  
Mas acho que o guri não tá mais nessa.

MARCELO - Quem disse?

BERNARDO - Ele mesmo, ontem de noite.  
Falou que se sentia trancado por dentro.

MARCELO - Isso não dura muito.  
Daqui a pouco troca o vento.  
O guri tá de aniversário.  
O chefe tá armando uma festa  
Ele logo vai sair do armário.

BERNARDO - Não sei, não.  
O guri anda triste demais.

Ouve-se um grito e o barulho de uma porta batendo.

BERNARDO - *(olha em volta)* Tem alguém nos quartos?

MARCELO - Meia-hora atrás um cara chegou.  
Tinha marcado com a Ofélia.  
O Polônio liberou.

O **Chefe** aparece no salão, vindo da suíte, e passa, sem se deter, pelos dois seguranças e pela prostituta, rumo à porta. O Chefe está com uma máscara na mão e suas roupas estão com a aparência de quem se vestiu com pressa. **Ofélia** surge atrás dele, coberta com um lençol.

OFÉLIA - Bernardo, não deixa ele sair!

Bernardo levanta-se e vai atrás do Chefe, que já está saindo de cena.

MARCELO - *(sacando sua arma)* O que foi, Ofélia?

Ofélia não responde.

MARCELO - Ele não pagou?

OFÉLIA - Pagou.

MARCELO - Ele te bateu?

OFÉLIA - Não.

Bernardo volta, guardando sua arma. Está atônito.

BERNARDO - Eu vi o cara na calçada,  
no outro lado da rua, caminhando.  
Mandei ele parar, ele seguiu andando.  
Saquei a arma, ameacei atirar.  
Ele então parou e deu uma risada.  
Estava junto ao muro, numa área sombreada.  
Quando me aproximei, não estava mais lá.  
Pensei que estava atrás do muro,  
ou que tinha se abaixado no escuro  
Mas ele simplesmente sumiu.

OFÉLIA - E o rosto dele? Tu não viu?

BERNARDO - Vi, mas foi muito rápido.

OFÉLIA - E não reconheceu?

BERNARDO - Acho que não.

OFÉLIA - Era o Chefe, Bernardo. Eu tenho certeza  
que era o Chefe.

Bernardo olha para ela, surpreso.

BERNARDO - É mesmo. Era o Chefe.  
Que loucura...  
Quando ele parou, antes de sumir,  
ele ainda sorriu pra mim.  
Aquele sorriso que começava devagar,  
mas que depois não tinha mais fim

MARCELO - Espera aí. Vocês tão falando do cara  
que era o dono disso aqui?

BERNARDO - O Chefe. Ele mesmo.

MARCELO - Ele não morreu há seis meses?

BERNARDO - Morreu.

OFÉLIA - (*ainda chocada*) Era ele.

BERNARDO - E tu trepou com o Chefe?  
Não viu logo que era ele?

OFÉLIA - Quando ele entrou no quarto,  
já tava com a máscara, eu não vi o rosto.  
Mas era ele, o Chefe, eu juro.  
Enquanto a gente transava,  
falou umas coisas estranhas.  
Achei que era maluquice,  
os velhos inventam de tudo  
pra conseguir ficar de pau duro.

**Hamlet** entra no salão. Só ouviu o final da fala de Ofélia.

HAMLET - O que o velho sussurrava no teu ouvidinho,  
enquanto enfiava a pica dura nesse cuzinho?

OFÉLIA - Hamlet, não brinca, que é sério.

HAMLET - Sério é te ver, minha querida  
Enrolada nesse lençol, toda encolhida  
O que aconteceu? Qual é o mistério?

OFÉLIA - Era o teu pai, Hamlet.

HAMLET - (*irritado*) O que o meu pai tem a ver com  
isso?

OFÉLIA - O velho que estava comigo era o Chefe.  
Ele tava usando uma máscara.

Hamlet olha para Bernardo.

HAMLET - Ela tava bebendo, Bernardo?

BERNARDO - Não. Eu também vi o Chefe. Aqui dentro  
foi muito rápido. Mas, lá na rua, ele riu pra mim.

HAMLET - (*irônico*) Riu pra ti. E depois?

BERNARDO - Ele sumiu.

HAMLET - Vocês estão me dizendo que o meu falecido pai esteve aqui, nesse belo puteiro, trepou com Ofélia, riu pro Bernardo, e então sumiu, todo faceiro? Vão pra puta que pariu...

OFÉLIA - É loucura... Mas era o teu pai. Ele sabia o meu nome.

HAMLET - Quem abriu a porta pra ele?

MARCELO - Fui eu. O Bernardo chegou quando ele já estava lá dentro. *(aponta para a prostituta que se maquiava)* Ela também chegou depois.

HAMLET - E tu viu bem o rosto dele?

MARCELO - Vi.

HAMLET - Como ele era?

MARCELO - Um cara alto, bem vestido. Cabelo meio branco, repartido.

HAMLET - Tu nunca viu meu pai?

MARCELO - Não. Só ouvi falar dele. O Bernardo me contou umas histórias...

Hamlet abre a carteira e tira uma pequena foto. Mostra a foto para Marcelo.

HAMLET - Olha essa foto.

MARCELO - Era ele.

HAMLET - *(furioso)* Se isso é uma brincadeira, juro que mando todos vocês pra rua. *(para Ofélia)* Se ele tava de máscara, como tu pode dizer que era meu pai?

OFÉLIA - Um pouco antes de sair, ele olhou pra mim e tirou a máscara. Foi horrível.

HAMLET - O que ele te disse?

OFÉLIA - Um monte de coisa. Ele não parava de falar.

HAMLET - (*gritando*) O que ele falava, porra?

OFÉLIA - (*chorando*) Que ele tinha vindo do inferno, que tinha sido morto, que ele queria vingança!

HAMLET - Tu tá louca!

OFÉLIA - Eu juro, Hamlet!  
Eu tentei não prestar atenção,  
achei que ele ficava excitado  
dizendo palavrão  
Mas, quando ele tirou a máscara,  
e vi que era teu pai...

HAMLET - O meu pai tá morto!

OFÉLIA - Ele disse que era um fantasma,  
Uma alma que tinha saído do inferno  
Disse que o Cláudio botou alguma coisa no uísque  
dele, um veneno.

HAMLET - (*transtornado, para Bernardo*) - Ele te disse alguma coisa?

BERNARDO - Não. Ele só olhou pra mim e riu.

Hamlet mostra a foto para Vanessa.

HAMLET - Era ele?

VANESSA - Ele passou muito rápido.  
(*pausa, olha a foto*) Mas era ele sim.

Hamlet guarda a foto. Num gesto rápido e inesperado, saca uma pistola e aponta para Bernardo.

HAMLET - Vocês tão armando pra cima de mim.

BERNARDO - Não.

OFÉLIA - Guarda isso, Hamlet. Pelo amor de Deus.

Hamlet aponta para Ofélia.

HAMLET - O teu pai inventou essa história. Ele quer se livrar do tio Cláudio e assumir o Clube.

Hamlet aponta para Marcelo.

HAMLET - Não. Ele não tem neurônios suficientes pra bolar essa farsa. Foi o Fortinbrás, não foi?

Confessa, Marcelo. Quanto ele ofereceu? Diz.  
(engatilha) Diz, ou eu te apago, filho da puta.  
Fala!

BERNARDO - Ninguém tá armando contra ti, Hamlet.

Hamlet aponta outra vez para Bernardo.

HAMLET - Quanto? Quanto vocês levam nessa?

OFÉLIA - Hamlet. Eu vi o teu pai. Ou o fantasma dele.

Hamlet aproxima-se de Ofélia, a abraça pelas costas e encosta a pistola na cabeça dela.

HAMLET - Ou quem sabe foi tu, sua putinha?  
Explorada sexualmente desde a tenra infância  
Ofélia tem um plano diabólico e arma sua vingança,  
que leva a um banho de sangue no Clube Dinamarca.  
Morrem todos, menos ela, sua puta desalmada!

OFÉLIA - Pára, Hamlet. Pára!

Bernardo se aproxima.

BERNARDO - (hesitante) Eu... Eu posso te mostrar  
uma coisa...

HAMLET - Mostrar o quê?

BERNARDO - Uma coisa que vai provar que ninguém  
aqui está interessado em te trair.

HAMLET - Mostra.

BERNARDO - Não está aqui.

HAMLET - Onde está?

BERNARDO - No escritório. Hamlet, larga ela. Confia  
em mim.

Bernardo aproxima-se de Hamlet, que larga Ofélia. Bernardo consegue levar Hamlet para longe dos outros.

BERNARDO - (só para Hamlet) Quando o teu tio  
assumiu o Clube, mandou instalar uma câmera  
escondida na suíte. Tem um vídeo dentro dum armário  
que grava tudo que acontece lá. Só eu e o Polônio

sabemos da câmara. Ninguém mais. Se o teu tio souber que eu te contei, ele me mata.

Toca a campainha. Hamlet, depois de olhar para Bernardo por alguns segundos, vira-se bruscamente.

HAMLET - *(para todos)* Não quero que vocês digam nada do que aconteceu pra ninguém. Nada! Não aconteceu nada! *(para Marcelo)* Vai abrir, porra. E fica lá fora. *(para as mulheres)* Que que tão olhando, caralho?

Marcelo sai para abrir a porta. Ofélia volta para o quarto, acompanhada de Vanessa.

HAMLET - *(para Bernardo)* Eu tenho que ver essa fita agora.

**Polônio** entra, com uma latinha de cerveja na mão.

POLÔNIO - *(para todos)* Salve, salve, patrãozinho. Feliz aniversário! Muitos anos de vida! Que milagre te encontrar tão cedo em nosso ninho. *(só para Hamlet)* Ah, já sei... Veio buscar um dinheirinho *(pega a carteira)* Tá precisando de quanto?

Conversam à parte.

HAMLET - Eu vim trepar com a tua filha. Eu gosto de comer um cu antes do jantar.

POLÔNIO - *(rindo)* Ha, ha, ha... Então veio perder dinheiro, em vez de ganhar.

HAMLET - Nunca paguei pra comer aquela vagabunda.

POLÔNIO - Ha, ha, ha... Isso é verdade. Se dependesse de ti e do teu pai, eu ainda tava numa miséria profunda.

Hamlet aproxima-se de Polônio.

HAMLET - *(ameaçador)* Não fala do meu pai.

POLÔNIO - Desculpe, Hamlet. *(faz o sinal da cruz)* Que Deus o tenha. Amém.

HAMLET - Ele tá no inferno, Polônio. No inferno. E é pra lá que nós vamos também.

POLÔNIO - (*sério*) Pode ser, patrãozinho. Se tu tá dizendo...

HAMLET - Sabe onde está o meu tio?

POLÔNIO - Está no shopping, com a dona Gertrudes. Daqui a pouco eles estão chegando. O patrãozinho viu a minha filha?

HAMLET - Tá lá na suíte.

Polônio vai saindo, em direção ao quarto.

HAMLET - Polônio, espera aí. Tô precisando de um favor.

POLÔNIO - Às ordens, patrãozinho.

HAMLET - O Fortinbrás me conseguiu uma parada especial pra hoje. Vai lá pegar pra mim?

POLÔNIO - Vou mandar o Bernardo, de táxi.

HAMLET - Não. O Bernardo já trabalhou lá. O Fortinbrás tá sempre oferecendo uma grana pra ele voltar.

POLÔNIO - Então mando o Marcelo.

HAMLET - O Marcelo é muito novo na casa, Polônio. Tu quer entregar um serviço desses prum cara que gente ainda não conhece direito? Vai tu mesmo.

POLÔNIO - Se o patrãozinho acha melhor... E como eu pago a parada?

HAMLET - Eu me entendo com o Fortinbrás depois.

POLÔNIO - OK.

Polônio sai. Hamlet pega o celular e disca.

HAMLET - Alô, Fortinbrás? É o Hamlet. E aí, compadre? Olha, tô mandando o Polônio aí, pra pegar aquela parada que tu prometeu pro meu aniversário. (*pausa*) É... Eu disse que não queria, mas mudei de idéia. (*pausa*) Eles tão preparando uma festa. Tô te esperando. (*pausa*) Não te preocupa, eu falo com o meu tio. É meu aniversário, porra! (*pausa*) Claro, traz quem tu quiser. A casa vai estar fechada. É só

pros convidados. Tudo liberado... (pausa) Beleza, compadre. Até.

Hamlet desliga o telefone.

HAMLET - Nós vamos entrar no escritório.  
E tu vai abrir a porta.

BERNARDO - A porta tem duas fechaduras.  
Eu só tenho a chave de uma delas.  
Quando o seu tio não está,  
ele tranca as duas.

HAMLET - Mas tem a do armário, não é? Pra trocar a fita quando o tio pede.

BERNARDO - Tenho.

HAMLET - Vamos lá.

BERNARDO - Eu não tenho uma das chaves.

HAMLET - Mas eu sei que tu é bom com fechaduras.

BERNARDO - O seu tio me mata, Hamlet.

HAMLET - Ele não vai saber.

BERNARDO - Ele deve estar chegando. Tem que ser outra hora, quando o clube estiver vazio.

HAMLET - Quer perder a condicional?  
Teu futuro está por um fio.

Bernardo e Hamlet saem, na direção do escritório.

## **CENA 2 Escritório**

Bernardo e Hamlet estão na porta. Bernardo pega um instrumento no bolso e começa a mexer na fechadura.

HAMLET - Vamos lá, cara.  
Abre logo, puta que pariu!

BERNARDO - Tá quase.

Bernardo consegue abrir.

HAMLET - Fica ali, no corredor. Se chegar alguém, assobia.

Bernardo vai para uma posição entre o salão e o escritório. Hamlet entra no escritório e abre, com uma pequena chave, um armário de aço, onde há um vídeo-cassete e um monitor de 14 polegadas. Hamlet começa mexer no vídeo-cassete. Um telão mostra para o público o mesmo que ele vê (vídeo e áudio).

### **CENA 3 Suíte (vídeo pré-gravado)**

Primeiro vemos Ofélia e Vanessa no quarto, com a palavra REC aparecendo num canto da tela. Depois, quando Hamlet aperta uma tecla, a tela fica azul e aparece a palavra REW. Alguns segundos depois, a palavra PLAY. Então vemos o Chefe trepando com Ofélia. Ela está de quatro na cama. Ele está de pé, com a máscara. Ela simula estar gostando da transa com gemidos regulares.

CHEFE - Tá gostando mesmo, Helena?

OFÉLIA - Tô.

CHEFE - Eu conheço putas, Helena. Pára de gemer.

Ofélia pára de gemer. O Chefe dá uma estocada mais forte.

OFÉLIA - Ai!

CHEFE - Agora foi pra valer.

OFÉLIA - Cuidado. Tá me machucando.

CHEFE - Foi essa a minha intenção.  
Tu não gosta de crueldade?

OFÉLIA - Gosto, mas não bate de verdade.

CHEFE - Tudo bem. Agora vou só te foder.

OFÉLIA - Então me fode bem gostoso.

CHEFE - Eu fodo! Fodo! Fodo!  
Onde estou, é tudo que eu faço:  
comer um rabo  
Mas não tenho mais direito ao gozo  
Fodo, fodo, e não me acabo  
É uma tortura. Uma tortura infernal  
É pior que ser uma puta como tu  
que fode, fode, fode,  
mas trinca os dentes

e não se acaba com os clientes.  
Porque tu te acaba depois,  
eu sei muito bem.  
Tu te acaba com meu filho,  
e ele se acaba também  
Mas eu só enfio, e enfio,  
e não chego ao fim.  
Assim! Assim! Assim!

Outra estocada mais forte.

OFÉLIA - Ai! Mais devagar! Eu tô avisando.

CHEFE - Não tá gostando?  
Vai chamar um segurança?  
Não adianta, ele não vai me pegar.  
Eu posso virar fumaça  
Essa é uma vantagem de estar no inferno:  
Tô sempre pronto pra queimar.  
O meu pau tá bem quente?

OFÉLIA - Tá.

CHEFE - O meu pau é de fogo!  
Todo o meu corpo é de fogo e sexo  
e porra e excremento.  
E sabe quem me deixou assim?  
Foi teu patrão, meu irmão  
Aquele porco nojento!  
Mas isso não é o pior  
Minha própria mulher ajudou,  
eu tenho certeza  
Foi ela que colocou  
O copo sobre a mesa.  
(pausa)  
Ah... Te comer foi uma boa idéia  
Tu não tava com saudade de mim, Ofélia?

Dá uma palmada na bunda de Ofélia.

OFÉLIA - Aiii... Como tu sabe o meu nome?  
A gente já transou antes?

CHEFE - Tempos atrás, éramos amantes!  
Não tá reconhecendo o meu estilo?  
Eu sei: agora só quer do meu filho  
Diz pro Hamlet que ele precisa me vingar.  
O Cláudio me matou, ele tem que pagar  
Ele e a puta que dizia me amar  
Ninguém gosta de foder no inferno, Ofélia.  
Eu vou voltar pra lá, nessa eterna fodelança

Mas não quero mais ficar sozinho  
 Eu quero a companhia do meu irmãozinho  
 Eu quero vingança. Vingança! Vingança!

Mais algumas estocadas violentas. Ofélia geme mais alto.

CHEFE - Isso! Até parece de verdade.  
 Tu podia ser atriz,  
 em vez de foder com toda a cidade

O Chefe afasta-se um pouco.

CHEFE - Agora olha pra mim, Ofélia.

O Chefe tira a máscara. Ofélia grita, horrorizada. O Chefe vira-se e encara diretamente a câmera.

CHEFE - Não me esquece, Hamlet.  
 Eu sempre fui leal contigo,  
 nunca te escondi nada.  
 Mais que pai, fui teu amigo  
 Quando tu disse que gostava  
 dessa menina aqui  
 (*aponta para Ofélia*)  
 Eu nunca mais a toquei  
 Deixei ela pra ti  
 Hoje foi só um aviso  
 Não quero voltar,  
 mas volto se for preciso  
 Eu quero vingança,  
 Tua mãe é uma vagabunda  
 E teu tio é um assassino,  
 Mata os desgraçados.  
 Cumpre teu destino!

O Chefe sai do quarto. Ofélia enrola-se no lençol e o segue.

#### **CENA 4 Escritório e salão**

**Cláudio** e **Gertrudes** estão chegando. Bernardo assobia. Hamlet rapidamente pega a fita e a esconde em baixo da camisa. Coloca uma outra fita no vídeo-cassete, dá REC e fecha o armário e o tranca. Sai do escritório e encosta a porta, mas Cláudio aparece antes que Hamlet possa fugir.

HAMLET - Ôi, tio.

CLÁUDIO - (*desconfiado*) O que tu tava fazendo aí, Hamlet?

HAMLET - *(nervoso)* Nada.

Cláudio examina a porta.

CLÁUDIO - Essa porta foi arrombada, Hamlet.

HAMLET - *(nervoso, frágil)* Arrombada? É possível.  
Aqui tudo é arrombado, todos os dias.  
Bucetas, cus, portas... É incrível.  
*(pausa, fica ainda mais nervoso)*  
Tio, hoje é meu aniversário,  
e eu tava precisando comprar uma coisa...  
Eu tava sem grana... Tu sabe como é.  
Pensei que talvez tu pudesse me ajudar  
*(quase chorando)*  
É o meu primeiro aniversário sem o pai...  
Eu tô mal, tio. Muito mal,  
Não tô conseguindo segurar...  
Eu tava precisando...

CLÁUDIO - *(mais tranquilo)* É isso, Hamlet?  
Teu estoque terminou?  
Por que não falou antes?  
Vem aqui. Dá um abraço!  
Quando é que o teu tio te faltou?

Hamlet se aproxima de Cláudio, que o abraça com força.

CLÁUDIO - Feliz aniversário, Hamlet.  
Eu já providenciei. Já vai chegar.  
Agüenta só mais um pouquinho.  
Vamos pro salão. A tua mãe quer te beijar

Entram no salão. Gertrudes imediatamente o abraça.

GERTRUDES - Feliz aniversário, filho.

Entrega um embrulho para Hamlet, que abre. É uma camisa.  
Hamlet beija a mãe.

HAMLET - Obrigado, mãe.

CLÁUDIO - E esse aqui é o meu.

Entrega um pacote pequeno. Hamlet abre. É um relógio.

HAMLET - Não precisava se incomodar, tio.

Polônio também chega.

POLÔNIO - A família toda reunida. Que bonito ver isso! Eu quero dar mais um abraço. Vem aqui, guri.

Hamlet se aproxima dele. Polônio está com a mão estendida e aperta a mão de Hamlet antes dos dois se abraçarem.

GERTRUDES - Dezoito anos! Nem acredito.  
Já é um homem!

Gertrudes pega a camisa da mão de Hamlet.

GERTRUDES - A mãe vai guardar pra ti, meu filho.

Gertrudes sai.

HAMLET - De repente, tudo parece melhor.

Abre a mão e mostra para Cláudio o pacotinho que acaba de receber de Polônio.

HAMLET - Sabe o que é isso, tio? É o céu. E vem com os anjos, os arcanjos, todos reunidos. Quer ir pro céu, tio?

CLÁUDIO - Ainda não.

Hamlet mostra uma coisa minúscula para Cláudio.

HAMLET - Olha, tio. Bota os óculos.

Cláudio bota os óculos.

CLÁUDIO - Tem um anjinho... Numa nuvem...

HAMLET - É pra lá que eu vou, tio. Pra essa nuvem.

Hamlet faz o gesto de quem coloca alguma coisa na língua. Logo depois, se afasta.

HAMLET - Eu vou pro céu...

CLÁUDIO - Hamlet! Hamlet!

Mas Hamlet se afasta até sair de cena, rumo ao quarto.

CLÁUDIO - *(para Polônio)* O que era aquilo?

POLÔNIO - Ácido. Ele me mandou pegar com o Fortinbrás.

CLÁUDIO - Ele arrombou o escritório. Decerto atrás de dinheiro pra pagar aquela merda.

POLÔNIO - Esse guri tá ficando incontrolável.

CLÁUDIO - (*gritando*) Bernardo!

Bernardo aparece.

CLÁUDIO - Conseguiu aquilo que te pedi?

BERNARDO - Claro, patrão. Tá aqui.

Bernardo passa alguma coisa para Cláudio.

CLÁUDIO - A casa hoje está fechada para o público. Só entra quem está na lista. A dona Gertrudes já te deu a lista?

BERNARDO - Já, patrão.

CLÁUDIO - Diz pras meninas que hoje é só show. Vou dar um fixo pra cada uma. Não tem putaria nos quartos. De jeito nenhum. Quem não obedecer não trabalha mais aqui. E não trabalha mais nessa cidade. Entendeu?

BERNARDO - Entendi, patrão. Eu aviso as meninas.

CLÁUDIO - Polônio, vem comigo.

Os dois saem de cena.

#### **CENA 5 Corredor da suíte**

Hamlet, da entrada da suíte, chama Ofélia.

HAMLET - Ofélia!

Ofélia sai do quarto e fecha a porta atrás de si. Os dois conversam no corredor.

HAMLET - Era o fantasma de meu pai, agora tenho certeza.

OFÉLIA - O que aconteceu? Como tu sabe?

HAMLET - Ele foi assassinado pelo tio Cláudio, com a ajuda da minha mãe. Tudo está podre no Clube

Dinamarca. A prostituta já devia estar dormindo com meu tio há tempo. Eu vou matar os dois.

OFÉLIA - Calma, Hamlet. Matar não resolve nada.

HAMLET - Claro que resolve! Meu tio matou meu pai, casou com a minha mãe e herdou tudo isso aqui. Ganhou muito dinheiro da noite pro dia. E a minha mãe deve estar rindo disso tudo, na cama de Cláudio. Ela também merece a morte.

OFÉLIA - E se for tudo uma brincadeira? Alguém muito parecido com o teu pai planeja te pregar uma peça de mau gosto no dia do teu aniversário...

HAMLET - Tu viu o meu pai, Ofélia! Ele tava te fodendo. Tu disse que era ele.

OFÉLIA - Ele parecia ser teu pai. Mas teu pai tá morto!

HAMLET - E no inferno. Mas ele não vai ficar muito tempo sozinho. Eu vou mandar meu tio e minha mãe pra fazer companhia pra ele.

OFÉLIA - A tua mãe, não! Ela gostava do Chefe.

HAMLET - Gostava tanto que foi pra cama com o irmão dele.

OFÉLIA - Pensa vem, Hamlet. Se tu matar a tua mãe e depois descobrir que ela é inocente...

HAMLET - Se fosse inocente, teria respeitado a memória do meu pai. Se fosse inocente, não tava fodendo como o Cláudio.

OFÉLIA - As pessoas fazem coisas loucas, Hamlet. O tempo todo. Há meia-hora, tu tava com uma pistola apontada para a minha cabeça. Eu tive medo que tu me matasse. *(pausa)* Vamos embora, Hamlet. Agora! Sem avisar ninguém. A gente pode ir pra bem longe daqui, só nós dois.

HAMLET - *(irônico)* "Só nós dois..." Esse é o tipo de coisa que uma puta não pode dizer nunca. Será que tu ainda não entendeu? Eu vou matar o meu tio.

OFÉLIA - Baseado em que, Hamlet? Numa aparição? Na denúncia de um desconhecido?

HAMLET - Uma denúncia do meu pai!

OFÉLIA - Eu já não tenho certeza que era ele. Eu tinha bebido um pouco... Nós fomos no enterro!

HAMLET - Eu tenho certeza.

OFÉLIA - Não faz nenhuma loucura, Hamlet. Se tu me ama de verdade...

HAMLET - Eu nunca te amei. Se eu disse isso, estava bêbado, ou chapado, ou cheirado. Quem ama uma puta? Só um louco. Ou um drogado.

OFÉLIA - Hamlet, não fala assim comigo. Tudo o que faço, eu faço pensando em ti.

HAMLET - (*rindo*) Essa é boa!  
Diz isso e não ri!  
Dá pra cidade inteira pensando em mim.  
(*sério*) Então pára de pensar assim.  
Sou muito orgulhoso, vingativo, ambicioso,  
sou capaz de todo tipo de sacanagem.  
Não me falta coragem.  
Só não faço mais porque não tenho tempo.  
Sou muito ativo.  
E isso é muito natural,  
sendo quem sou e vivendo onde eu vivo.

OFÉLIA - Eu não acredito em ti..

HAMLET - Ótimo! Que seja este o teu compromisso.  
Não acredita em ninguém neste belo lupanar,  
onde todos mentem sem parar.  
E fora daqui não é diferente.  
Se tu ainda quer ser crente,  
encontrar o bem, fugir do mal,  
sai daqui e entra pra Igreja Universal.

Hamlet sai.

## **CENA 6 Escritório**

Cláudio e Polônio conversam.

CLÁUDIO - A porta estava arrombada,  
mas não sumiu dinheiro algum.  
Ele não teve tempo de abrir a gaveta.

POLÔNIO - Esse menino me deixa preocupado.

CLÁUDIO - Que menino? Ele é um homem, Polônio.  
Dirige carro, bebe, cheira,  
come as putas, anda armado.

POLÔNIO - Ele só é perigoso quando usa drogas.  
Mistura de tudo, e aí fica louco.  
Mas no fundo ainda é um menino.  
(pausa) E ele sofre com a morte do pai...

CLÁUDIO - (irritado) Sofre coisa nenhuma!  
Ele faz cena pra nos enganar!  
Eu pensava que bastava vigiar a loucura de Hamlet,  
que assim ele não causaria nenhum dano.  
Mas cansei. Não quero mais vigiar.  
Temos que reparar esse engano.

POLÔNIO - Eu já te disse, Cláudio  
Vamos mandar o guri pra bem longe.  
Uma viagem de estudos qualquer:  
Nova Iorque, Paris, Londres.

CLÁUDIO - Estudar o quê?  
Ele é um traste, nunca aprendeu nada.  
Tu não tá entendendo, Polônio.  
Nossa decisão não pode ser mais adiada

POLÔNIO - Ele me disse que gosta de teatro.

CLÁUDIO - (rindo) De teatro?  
Então meu sobrinho está perto  
de fazer a sua última cena.  
(mostra o pacote que recebeu de Bernardo para  
Polônio)  
Tá vendo isso aqui? É coca.  
Mandei o Bernardo pegar.  
Vou dar de presente pro Hamlet.  
Aposto que cheira tudo essa noite. (pausa)  
Nós vamos acrescentar aquele mesmo pozinho que  
usamos para o meu irmão.

POLÔNIO - (assustado) Ele é uma criança!

CLÁUDIO - É um bandido.  
Mais perigoso que o pai.  
Já notou como ele olha pra mim?

POLÔNIO - Pelo amor de Deus...  
Eu tenho pesadelos com o Chefe.

CLÁUDIO - Chefe porra nenhuma!

Chefe de quem? Só se for das putas do inferno. Pesadelos não matam, Polônio. Nem almas do outro mundo. Mas Hamlet pode enlouquecer de vez e nos matar. Todo mundo sabe que ele se droga. Vai ser só mais uma overdose. ( *fingindo dar uma declaração pública*) O pobre rapaz, ainda estava transtornado com a morte do pai... ( *voltando a encarar Polônio e estendendo o pacote com a droga*) Pega. Dá pra ele. Diz que é meu presente aniversário.

POLÔNIO - Por favor, patrão. Eu vi ele nascer...

CLÁUDIO - E eu tô vendo ele nos foder! Pega, porra!

Polônio ainda hesita.

CLÁUDIO - Se tu fizer a coisa certa, tudo se resolve hoje à noite. E amanhã, meu velho Polônio, tu te muda para o meu apartamento em Florianópolis. Vai ser meu sócio no Clube Dinamarca de Santa Catarina. Quer mais? Meu sócio, Polônio. Meio a meio. Tu sabe que aquilo ali vai dar muito dinheiro. Muito. Se quiser, leva tua filha, tira ela da vida. Vai poder pagar a faculdade, os livros, plano de saúde, tudo. Não demora ela se forma, casa e te dá um monte de netinhos. Pensa bem, meu velho.

Polônio pega o pacote e sai.

CLÁUDIO - Meu crime é um câncer,  
que se espalha até o céu.  
E é terrível como tragédias antigas,  
mas a mim não terão como réu.  
Não consigo rezar. Rezar pra quem?  
Ao deus dos cafetões e dos assassinos?  
Implorar perdão? Pedir que esqueçam minhas ações?  
Se alguém me perdoar, faz alguma diferença?  
A reza serve para resistir às tentações,  
ou para que o pecador se arrependa.  
Eu já pequei e não me pesa a consciência  
Nesse mundo não há lugar para crença.  
Tenho agora o Clube Dinamarca  
posso ter Gertrudes sempre ao meu lado  
É possível pedir perdão e manter o lucro do pecado?  
Deus não deve cair nesse engodo.  
O crime é mais forte que a justiça,  
foi fácil encomendar o atestado de óbito  
e cremar o corpo de meu irmão.  
Comprar a lei é como ir ao armazém  
Se meu crime é um câncer

ele deve se espalhar também  
 e atingir meu sobrinho.  
 Ele não é mais criança  
 para saber que me odeia  
 não é preciso ser adivinho.  
 Se a justiça divina me espera,  
 nada posso fazer  
 Mas, aqui na Terra,  
 ninguém vai me tirar  
 um só momento de prazer.

### **CENA 7 Salão**

No salão, já há mais putas e alguns convidados da festa. Uma banda arruma seus instrumentos perto do palco. Hamlet recebe os parabéns de alguns convidados. Ofélia observa Hamlet à distância. Polônio entra no salão, vai até Hamlet e puxa-o para um canto. Mas, antes que consiga dizer qualquer coisa, Bernardo entra e interrompe-os.

BERNARDO - Tem um sujeito aí fora que quer entrar, mas não tá na lista.

POLÔNIO - Manda embora.

BERNARDO - Ele tá armando um bolo. Diz que conhece o patrão. Mandou chamar o senhor. Diz que o senhor sabe quem ele é.

POLÔNIO - Como é o nome desse imbecil?

BERNARDO - Édipo.

Polônio e Hamlet ficam surpresos, e, por alguns momentos, não esboçam qualquer reação.

POLÔNIO - *(para Hamlet)* Eu vou ver. *(para Bernardo)* Vem comigo.

Volta Polônio, com **Édipo**, vestido com elegância. Polônio e Édipo param na frente de Hamlet e Ofélia.

POLÔNIO - E então, os irmãos não se abraçam?

ÉDIPO - *(surpreso, para Polônio)* Esse é o Hamlet?  
*(para Hamlet)* Já tá desse tamanho? A última vez que eu te vi... *(mostra a altura de alguém que mal passa da sua cintura)*

HAMLET - Eu ainda achava que isso aqui era um restaurante.

Édipo abraça Hamlet, que não demonstra carinho nem apreço. Édipo olha para Ofélia e fica alegre.

ÉDIPO - Que maravilha! A minha noite está melhorando cada vez mais. Quem é essa moça?

POLÔNIO - Minha filha, Ofélia.

ÉDIPO - Claro! Eu lembro dela. Era um pouco maior que Hamlet. Mas era magrinha... Mirrada. Agora... Agora é bela como uma deusa. *(olha em volta)* Preciso falar com o tio Cláudio sobre uma moça que vou contratar hoje à noite. O nome dela é Helena. Eu sei que ela trabalha aqui, é famosa, vários amigos meus a conhecem. Onde está o tio Cláudio? No escritório? Se vocês me dão licença...

Hamlet fica no caminho de Édipo.

HAMLET - *(agressivo)* Antes de ir falar com o tio, me diz porque tu não veio no enterro do pai.

ÉDIPO - Fiquei sabendo muito em cima da hora.

HAMLET - Nem telefonou pra mãe.

ÉDIPO - Eu sinto muito. Estava estreando um espetáculo. Hamlet, tenta entender uma coisa, eu não vim aqui para reatar relações familiares, não sou hipócrita o suficiente. Se o Chefe estivesse vivo, não poria os pés nesse lugar. Mas eu vim por razões comerciais. Eu tenho que comprar uma coisa do tio Cláudio.

HAMLET - O pai morreu, mas mãe ainda tá viva. E muito bem de saúde.

ÉDIPO - Fico feliz por saber. Posso ir agora?

Hamlet abre passagem para Édipo

HAMLET - Pode!

ÉDIPO - Com licença.

Édipo avança.

HAMLET - Bate na porta antes de entrar. A mãe pode estar trepando com o tio Cláudio.

Édipo pára. Volta a encarar Hamlet.

ÉDIPO - Os dois estão mesmo juntos?

HAMLET - Estão. Eles gostam de dar uma rapidinha antes de abrir o expediente. Não é romântico?

Édipo aproxima-se do grupo.

ÉDIPO - *(para Polônio)* Eu vou contratar essa garota, a Helena. É para um amigo meu. Um amigo importante. Ele vai chegar daqui a meia hora.

POLÔNIO - Impossível.

ÉDIPO - Impossível por quê?

POLÔNIO - A casa está fechada.

ÉDIPO - Não parece.

POLÔNIO - É uma festa particular. Hoje é aniversário de Hamlet.

ÉDIPO - *(para Hamlet, friamente)* Parabéns. *(para Polônio)* Onde está essa Helena? Eu falo direto com ela.

OFÉLIA - Isso é contra as regras da casa.

ÉDIPO - Eu tenho certeza que posso pagar pela quebra das regras. *(para Polônio)* Dá um jeito. Eu prometi a Helena. Onde ela está?

POLÔNIO - Tenta compreender, Édipo, a questão é...

OFÉLIA - Eu sou Helena.

Édipo, surpreso, olha para Ofélia por algum tempo.

ÉDIPO - Eu devia ter adivinhado. Claro! A famosa Helena.

HAMLET - A famosa Helena, hoje, é Ofélia, uma convidada do meu aniversário. E só isso.

ÉDIPO - Certo, eu compreendo. Vocês cresceram juntos, são como irmãos. Mas eu tenho certeza que nós vamos encontrar uma solução para esse enigma.

HAMLET - Não há solução. Nem teu dinheiro, nem tua fama, nem tua incrível cara-de-pau vão mudar alguma coisa.

ÉDIPO - *(para Polônio)* Mil reais.

Polônio não responde, sem saber o que dizer.

HAMLET - Imbecil!

ÉDIPO - Não te mete, guri. *(para Polônio)* Mil e quinhentos.

HAMLET - Canalha!

Hamlet avança contra Édipo. Os dois lutam. Édipo é mais forte e bate em Hamlet, que cai no chão. Hamlet saca a pistola e aponta para Édipo, que congela. Entram Cláudio e Gertrudes.

GERTRUDES - Édipo!

CLÁUDIO - O que é isso, Hamlet? Enlouqueceu? Larga a arma, Hamlet.

HAMLET - *(apontando a pistola para Cláudio)* Lembra dessa pistola, tio? Tu me deu de aniversário, há um ano. *(volta a apontar para Édipo)* Foi um ótimo presente, tio. Muito útil.

GERTRUDES - O que aconteceu? Hamlet, tu tá sangrando.

HAMLET - *(limpa o lábio)* Não é nada.

Gertrudes caminha até ficar entre Hamlet e Cláudio. Agora Hamlet aponta para ela.

HAMLET - Sai daí, mãe.

GERTRUDES - Vai atirar em mim?

HAMLET - Talvez. Matar a família inteira, agora que ela tá reunida outra vez. Acabar com tudo. Transformar o Clube Dinamarca e todas as pessoas que estão dentro dele num nada. *(pausa)* Ser ou não ser, essa é a decisão. Agüentar toda essa merda que

despejam sem parar em nossas cabeças, ou pegar uma pistola e enfrentar os monstros. E vencer. Ou morrer. E dormir pra sempre. Dizem que aí todas as dores acabam, que tudo está terminado. Morrer. Dormir. *(pausa)* Talvez sonhar. E aí tudo se complica, pois não sabemos que sonhos são esses. Podem ser terríveis, podem ser piores que a vigília. E é por isso que a vida continua. É por isso que suportamos os golpes do destino, as sacanagens do opressor, a traição e o escárnio dos que nos cercam, a paixão não correspondida, a promessa que não é cumprida. *(pausa)* Mas por que suportar a soberba dos que mandam, o desprezo dos filhos da puta, quando é possível encontrar o repouso pressionando o gatilho de uma pistola? Quem continuaria vivendo, se não fosse o medo do que vem depois da morte, o país desconhecido de que ninguém volta? E assim ficamos em nossas malditas cidades, em vez de voar para um país que não tem folhetos de turismo, nem fotos das praias na internet. *(abaixa a arma)* E assim viramos covardes, e nossos instintos, que pediam decisões imediatas, acabam se transformando em reflexões que não acabam nunca. E as resoluções mais importantes viram papo furado, conversa de bar, exercício interminável para línguas enroladas depois que a mesa está cheia de cervejas e as cabeças estão tão vazias que não sabem nem do que estão falando. E então, por mais barulho que haja em volta, e gritos, e risos, e música, só resta um silêncio feito de inação e de medo.

Gertrudes aproxima-se de Hamlet e o abraça. Fala alguma coisa no ouvido de Hamlet, que lentamente guarda a pistola.

GETRUDES - *(para Cláudio)* Cláudio, leva o Édipo para o escritório. Eu já vou pra lá.

Cláudio e Édipo saem.

### **CENA 8 Escritório**

Cláudio senta em sua escrivaninha. Édipo permanece de pé, nervoso.

CLÁUDIO - Dá um desconto pro Hamlet. Tomou uma porcaria, tá viajando. Esse guri é um problema. *(pausa)* Tua mãe sentiu muito a tua ausência no enterro.

ÉDIPO - Cláudio, vamos simplificar as coisas. Aquele velho não valia nada. Quando recebi a notícia da morte, fiquei muito feliz e tomei um trago pra comemorar. Um não: vários. Pelo visto, tu e a mãe também não perderam muito tempo chorando.

CLÁUDIO - A vida continua...

ÉDIPO - Continua mesmo. Um amigo meu está chegando aqui. Prometi que ele ia trepar com a Helena.

CLÁUDIO - Quem é esse teu amigo?

ÉDIPO - Não interessa. É um cara importante. Ele vai trepar com a Helena. Ou a Ofélia. Tô cagando pro nome dela.

CLÁUDIO - Hoje vai ser difícil. A casa está fechada para o aniversário de Hamlet.

ÉDIPO - Eu vou pagar. Pagar bem.

CLÁUDIO - Não é questão de dinheiro. A Ofélia...

Batidas na porta.

GERTRUDES - Posso entrar?

Gertrudes não espera resposta e entra.

GERTRUDES - Desculpa, meu filho, mas eu fiquei tão emocionada quando te vi. Deixa eu te abraçar outra vez...

Ao dois se abraçam.

GERTRUDES - *(emocionada, quase chorando)* Quanto tempo, Édipo... Eu só te vejo pela TV, nos jornais, nas revistas... Eu penso tanto em ti...

ÉDIPO - Eu também penso em ti, mãe. *(afasta-se de Gertrudes)* Mas agora temos que resolver uma coisa importante. Um assunto... Um assunto de homens, a senhora entende?

GERTRUDES - Que assunto é esse?

ÉDIPO - Um assunto comercial, aqui do Clube.

GERTRUDES - *(muda bruscamente o tom da voz e fala como uma mulher de negócios)* Se é assunto do Clube,

também é assunto meu. Eu já sei o que é, o Polônio me disse. A Ofélia não está trabalhando hoje à noite. O seu amigo vai ter que esperar.

ÉDIPO - Mãe, é muito importante.

GERTRUDES - O aniversário de Hamlet também é.

CLÁUDIO - Quem é esse teu amigo? Nós conhecemos?

ÉDIPO - Talvez conheçam de nome. É Tirésias, o crítico de cinema.

GERTRUDES - Claro que conhecemos.

ÉDIPO - Veio para a pré-estréia do meu filme.

CLÁUDIO - Tô começando a entender. Vamos fazer o seguinte: amanhã de tarde, eu consigo uma cortesia num motel que tem uma suíte espetacular, e a Ofélia atende esse seu amigo com toda a calma.

ÉDIPO - Ele vai embora amanhã de manhã. Mora no Rio. Só veio pra Porto Alegre por causa da pré-estréia.

CLÁUDIO - Temos outras meninas... *(pega o telefone)* Posso telefonar.

ÉDIPO - Porra, Cláudio! Tu não tá me entendendo. Eu prometi a Helena, e ele vai ter a Helena.

CLÁUDIO - Então complicou...

Gertrudes aproxima-se de Édipo.

GERTRUDES - Só se o Hamlet falar com a Ofélia... Ela faz qualquer coisa que ele peça.

ÉDIPO - *(com desprezo)* Ele não tem condições de pedir nada.

GERTRUDES - *(cortando, muito irritada)* Não fala do teu irmão, ou mando te chutar daqui pra fora agora mesmo.

CLÁUDIA - Calma, querida.

GERTRUDES - Hamlet não tem vergonha de mim.

Édipo abre a porta e grita.

ÉDIPO - Hamlet! Príncipe do Clube Dinamarca. Sua mãe está chamando.

Hamlet entra no escritório.

GERTRUDES - Meu filho, o Édipo está precisando da nossa ajuda.

HAMLET - (*irônico e meio trôpego*) O grande Édipo, o insuperável Édipo, o famoso ator e diretor, voltou para o seu berço, para o ninho de sua família, e precisa da ajuda de um bando de desclassificados? Não posso acreditar! (*grita na direção da porta aberta*) Caros amigos do Clube Dinamarca! Escutem bem! Édipo, ídolo máximo do Ibope, entre os artistas, o de mais fama e sucesso, aqui está. Quem no Brasil não tem inveja da sua sorte e de sua felicidade? Casado com Jocasta, uma mulher maravilhosa, uma bela atriz admirada por milhões. E agora, nesse puteiro, ele se afunda, ele se suja, ele pede ajuda.

CLÁUDIO - Chega, Hamlet!

HAMLET - (*sem se intimidar, grita ainda mais alto*) Lembrem bem, meus amigos, enquanto um homem não morre, não se pode dizer que foi feliz.

Cláudio fecha a porta com força.

CLÁUDIO - (*ameaçador, para Hamlet*) Eu estou cansado das tuas brincadeiras.

HAMLET - Se cansou, cai fora!

GERTRUDES - Chega! Não quero mais ouvir uma palavra. Eu lembro aos dois que o Clube ainda é minha propriedade. Senta, Hamlet. Senta, Cláudio. (*pausa*) Agora!

Os dois sentam.

ÉDIPO - Obrigado, mãe.

GERTRUDES - Obrigado um caralho! Agora tu vai nos contar porque a porra do teu amigo crítico tem que trepar hoje. Tu acha que pode chegar aqui, depois de sete anos nos tratando como lixo, e exigir alguma coisa? Essa aqui não é mais a tua cidade, e esse clube, que pagou o teu colégio e a tua

merenda, não é teu, meu filho. Então, se quiser alguma coisa essa noite, tira essa máscara e conta direitinho o que tá acontecendo aí fora, e porque esse Tirésias está vindo aqui.

ÉDIPO - *(ainda hesitando)* É muito complicado. Tem a ver com o meu filme... É o meu primeiro filme...

GERTRUDES - Ninguém é bobo aqui, meu filho. Nós sabemos muito bem que o teu filme custou oito milhões, e que a tua mulher botou boa parte desse dinheiro. Todo mundo sabe. *(pega uma revista em cima da escrivaninha de Cláudio e mostra a capa para Édipo; ele e Jocasta, sorridentes, são a foto principal)* Está nas revistas, nos jornais, na TV. Depois de uma pré-estréia, tu devia estar na festa, comemorando, bebendo com a tua mulher, sorrindo para as fotos. O que tu tá fazendo aqui, Édipo?

ÉDIPO - Eu tô tentando saber o que vai acontecer comigo.

Ninguém entende. Édipo olha em volta e continua.

ÉDIPO - O Tirésias é o crítico mais respeitado desse País. Eu tenho que saber o que ele vai escrever sobre o filme.

CLÁUDIO - O filme está com uma campanha de marketing maravilhosa, o trailer passa sem parar na TV, há mais de um mês não se fala em outra coisa, a música da trilha está em primeiro lugar nas rádios. *(pega a revista e lê)* Édipo e Jocasta: os dois maiores ídolos do país finalmente trabalham juntos. *(joga a revista sobre a mesa)* E tu tem medo do que um velho vai escrever no jornal?

ÉDIPO - É um formador de opinião.

GERTRUDES - Eu li que a previsão é de quatro milhões de espectadores.

ÉDIPO - *(cada vez mais nervoso)* Previsão, mãe. Previsão! Ninguém tinha visto o filme até hoje à noite. Eu não sei... Cinema é complicado. São tantas coisas pra combinar...

HAMLET - Há mais coisas nos filmes do que sonha a nossa vã filosofia de espectadores.

GERTRUDES - Fica quieto, Hamlet. *(para Édipo)* Como foi a pré-estréia?

Édipo não responde. Dá as costas para Gertrudes.

GERTRUDES - Como foi a pré-estréia?

ÉDIPO - *(estourando)* Foi horrível! Quase ninguém aplaudiu. Os jornalistas, que antes estavam me disputando a tapa, não falaram mais comigo. A Jocasta disse que ia ao banheiro e desapareceu. De repente, parecia que eu estava com uma doença contagiosa. Os amigos me batiam no ombro, me diziam que o filme era bom, que tinham gostado, mas eu sabia que eles estavam mentindo.

GERTRUDES - Isso é paranóia, Édipo.

ÉDIPO - Não. Isso é desespero. Alguém atrás de mim gritou: "A esfinge devorou Édipo". Eu me virei, tentando localizar o covarde, e todos estavam rindo de mim.

GERTRUDES - Tu tomou alguma coisa, Édipo?

ÉDIPO - Nada. Um uísque. Talvez dois.

CLÁUDIO - *(tranqüilizador)* O que interessa o que pensa esse pessoalzinho que vai em pré-estréias? O povão é que é importante. O povão é que vai pra fila e paga ingresso. O filme tem cena de sexo entre... Tu sabe... Entre tu e a Jocasta.

ÉDIPO - Não.

CLÁUDIO - Devia ter. Aí seria um sucesso.

GERTRUDES - Cala a boca, Cláudio. O que tu entende de cinema?

CLÁUDIO - Eu já produzi um filme!

HAMLET - *(divertindo-se)* "Tentações de um jumento". É sensacional, Édipo.

GERTRUDES - Tu tá nervoso sem razão, meu filho.

ÉDIPO - *(fica mais nervoso ainda)* O imbecil do Creonte, irmão da Jocasta, também é produtor do filme. Ele quer cortar algumas cenas. Ele que vá cortar o saco dele fora.

CLÁUDIO - O que esse Creonte entende?

HAMLET - Ele disse que sabe porque a reação foi negativa: o público quer ver Jocasta com Laio, e não comigo.

GERTRUDES - Ridículo. Laio está morto há cinco anos.

ÉDIPO - Mas toda a carreira de Jocasta foi ao lado de Laio. *(pega a revista sobre a mesa)* Antes eram eles que estavam nessa capa.

CLÁUDIO - Não tem o menor sentido, Édipo.

ÉDIPO - Eu sou muito mais jovem que a Jocasta. Creonte diz que muita gente acha que somos um casal absurdo.

GERTRUDES - E tu fica ouvindo essas bobagens?

Batidas na porta.

CLÁUDIO - *(OFF)* Um senhor chamado Tirésias está procurando o seu Édipo.

ÉDIPO - É ele. *(para Hamlet)* Eu preciso da tua ajuda. Esse velho veio aqui para trepar com a Helena. Eu prometi. Ele tem que trepar com a Helena hoje à noite.

Hamlet não responde.

GERTRUDES - Vem, Cláudio. Deixa os dois se entenderem. *(para Édipo)* Nós vamos receber teu amigo.

Cláudio e Gertrudes saem. Os dois irmãos se olham.

ÉDIPO - Desculpa.

HAMLET - Desculpa o quê?

ÉDIPO - Eu não sabia que tu tinha alguma coisa com essa Helena. Quer dizer, Ofélia.

HAMLET - Eu não tenho nada com a Ofélia.

ÉDIPO - Não foi o que a mãe disse.

HAMLET - Aquela senhora não é minha mãe.

Édipo pensa um pouco antes de continuar.

ÉDIPO - Hamlet, tu tá viajando de ácido, é isso?

HAMLET - (*sorrindo*) Pra viajar no cosmos não precisa gasolina.

ÉDIPO - Não tenho tempo pra isso. Com licença.

Édipo vai na direção da porta, mas Hamlet se interpõe.

HAMLET - Podemos fazer um acordo.

ÉDIPO - Que acordo?

HAMLET - Hoje é meu aniversário. Tenho direito a um pequeno capricho. Mas tu ganha a coisa mais valiosa desta casa, literalmente falando: uma trepada da Helena. Aceita?

ÉDIPO - O que tu quer?

HAMLET - Eu quero assistir, no palco do Clube Dinamarca, ao lado das putas e dos degenerados, um singelo, mas inesquecível, espetáculo teatral, estrelado pelo casal mais famoso da televisão brasileira: Édipo e Jocasta.

ÉDIPO - Tá brincando.

HAMLET - Não tô brincando. Eu escrevo uma pequena cena e vocês encenam ali no palco. Fica tranqüilo, vocês não precisam tirar a roupa, não vai ser uma cena de sexo.

ÉDIPO - Tu tá precisando de drogas melhores.

HAMLET - E tu tá precisando da Ofélia. Pensa que ela vai dar pro teu amigo? Não. Nem hoje, nem amanhã, nem nunca. Se depender dela, e de mim também, teu filme pode ser o maior fracasso da história do cinema brasileiro. Já pensou? E se "As tentações do jumento", de um ex-cafetão de rua, nosso tio Cláudio, fizer mais sucesso que "A esfinge", do famoso Édipo decifrador de enigmas?

ÉDIPO - Não sei onde está a Jocasta.

HAMLET - Nós descobrimos onde ela está.

ÉDIPO - Ela não vai entrar aqui.

HAMLET - Por quê?

ÉDIPO - Isso aqui é um puteiro.

HAMLET - E daí? A maravilhosa Luana Emiovani não foi dançar na boate da Vanda? Perto da Vanda, isso aqui é um lugar muito refinado.

ÉDIPO - Com licença.

Édipo tenta sair. Hamlet não deixa.

HAMLET - Uma cena de menos de três minutos. Meia dúzia de diálogos. Não precisa nem ensaiar.

Édipo olha para Hamlet, hesitante.

HAMLET - Daqui a quinze minutos, teu amigo está na cama com a divina Helena.

ÉDIPO - A Jocasta não vai aceitar.

Hamlet, num impulso, abre o armário e mostra o monitor da suíte.

HAMLET - E tu assiste tudo daqui, de camarote. A Ofélia pergunta, Tirésias responde. A versão pós-moderna do Oráculo de Delfos. Tu só precisa dizer quais são as perguntas para o Oráculo.

Édipo olha para o monitor. Pega o celular e disca.

ÉDIPO - Jocasta?

## **CENA 9 Salão**

Cláudio e Gertrudes recebem **Tirésias** e o instalam numa mesa. Polônio está no fundo do salão.

CLÁUDIO - É um grande prazer ter o senhor aqui conosco.

TIRÉSIAS - O prazer é meu.

GERTRUDES - Eu sempre leio as suas críticas na revista. Acho que temos o mesmo gosto. Se o senhor gosta, eu vou. Se não gosta, nem passo perto.

TIRÉSIAS - Obrigado. Fico feliz de ser útil para pelo menos uma das minhas leitoras.

CLÁUDIO - Polônio, vem aqui. Temos uma visita ilustre.

Polônio aproxima-se, meio hesitante.

CLÁUDIO - *(para Tirésias)* Esse é o Polônio, nosso gerente. Ele manda aqui.

Os dois velhos olham-se e cumprimentam-se, formais.

CLÁUDIO - Se precisar de alguma coisa, ele é a pessoa certa para pedir. Hoje a casa está fechada para o aniversário de Hamlet, mas, sabe como é..., não é todo dia que temos um ator famoso e um crítico de renome internacional conosco.

TIRÉSIAS - O Édipo já está aqui?

GERTRUDES - Está lá dentro, conversando com Hamlet. Daqui a pouco eles aparecem.

A banda começa a tocar. Vanessa começa uma apresentação no palco. Um garçom serve bebidas para todos. Tirésias emborca um copo de uísque e pede que o garçom coloque mais.

CLÁUDIO - Eu já fiz um filme, há dois anos. Não era um filme de arte, claro.

GERTRUDES - Cláudio, por favor. *(para Tirésias)* Não liga pra ele.

CLÁUDIO - Vendeu bem!

GERTRUDES - *(para Tirésias)* Não era um filme. Era um vídeo erótico.

CLÁUDIO - Não é fácil fazer um bom vídeo erótico. Tem que ter magia, saber quais são as fantasias do público e encenar de um modo que...

Hamlet e Édipo se aproximam.

GERTRUDES - Meus filhos, adultos, juntos. Parece um sonho. Há tempo eu não me sentia tão feliz.

Tirésias levanta-se e aperta a mão de Hamlet.

TIRÉSIAS - Feliz aniversário.

HAMLET - Obrigado.

ÉDIPO - *(para Tirésias)* É um prazer vê-lo.

HAMLET - Eu vou pedir licença, pois tenho um pequeno serviço pra fazer.

CLÁUDIO - Que serviço? Hoje é teu aniversário!

HAMLET - Vou escrever uma peça de teatro.

Cláudio ri.

CLÁUDIO - *(para Tirésias)* Esse guri tem talento, seu Tirésias. Podia escrever essas comédias de TV. Essas bem idiotas, sabe, que tão fazendo tanto sucesso.

Hamlet sorri e sai.

POLÔNIO - Se me dão licença, também tenho o que fazer.

Polônio sai, atrás de Hamlet. Tirésias continua bebendo.

ÉDIPO - Esta será uma noite memorável, caro Tirésias. Uma noite de revelações.

Polônio alcança Hamlet.

POLÔNIO - O teu tio mandou te entregar. É puríssima.

Polônio entrega um pequeno pacote para Hamlet, que o guarda no bolso.

HAMLET - Obrigado, amigo.

POLÔNIO - *(nervoso)* Não é presente meu. É do teu tio.

HAMLET - Eu sei. Mas pra ele eu não vou agradecer.

Hamlet bate no ombro de Polônio e começa a se afastar. Polônio titubeia e, de repente, vai atrás de Hamlet outra vez.

POLÔNIO - Hamlet! Hamlet!

HAMLET - O que é?

POLÔNIO - Me dá a cocaína. É perigoso demais. O teu tio me disse que tu já tomou um ácido. Amanhã eu te devolvo.

HAMLET - Eu vou te confessar uma coisa, Polônio. Eu estou de cara, não tomei nem coca-cola, estou limpo. E vou continuar assim. Não te preocupa.

POLÔNIO - Então me devolve, por favor.

Ofélia aproxima-se dos dois.

OFÉLIA - Devolve o quê?

HAMLET - O teu pai quer pegar de volta um presente que ganhei do tio Cláudio. Ele acha que hoje vou cheirar até morrer.

POLÔNIO - Não brinca com isso, patrãozinho.

Ofélia sai, na direção da suíte.

HAMLET - Polônio, o tio tá te chamando.

Polônio olha na direção da mesa. Cláudio realmente está com um braço estendido. Polônio, hesitante, caminha na direção da mesa.

### **CENA 10 Corredor da suíte**

Hamlet corre e não deixa que Ofélia entre no quarto.

HAMLET - Tu disse que a minha mãe era inocente, não disse? Mas o meu pai disse que ela também é culpada. Em quem eu devo acreditar?

OFÉLIA - Eu tô viva, e o teu pai tá morto.

HAMLET - Eu tenho que ter certeza. E tu pode me ajudar a ter certeza. Tu pode impedir que eu mate minha mãe, se ela for inocente.

OFÉLIA - Como?

HAMLET - Eu fiz um acordo com Édipo. Ele e a mulher dele vão encenar o assassinato do meu pai, no palco, e nós vamos ficar olhando para a reação da minha mãe.

OFÉLIA - Afinal, tu tomou ou não tomou aquele ácido?

HAMLET - Se ela não entender nada, se ela rir, se ela não compreender a cena, então ela não sabe que meu pai foi envenenado, e ela é inocente. E eu não preciso matá-la.

OFÉLIA - E se o teu tio também não reagir?

HAMLET - Ele vai reagir, tenho certeza. Ele vai morrer, Ofélia. Mas talvez tu possa salvar a minha mãe.

OFÉLIA - O que eu tenho a ver com toda essa loucura?

HAMLET - O Édipo e a Jocasta só vão fazer a cena se antes tu trepar com o Tirésias e arrancar algumas informações dele.

OFÉLIA - Tu tomou speed. Speed te faz muito mal.

HAMLET - Não tomei porra nenhuma. Me ouve bem, Ofélia.

Hamlet tira uma folha de papel do bolso.

HAMLET - O Édipo escreveu três perguntas aqui nesse papel. Tu vai decorar essas perguntas e arrancar as respostas do velho. E também tem que trepar com ele, claro. Mas isso é o mais fácil pra ti.

OFÉLIA - Hoje não tô batalhando. O Cláudio disse que eu faço só o show.

HAMLET - Tu não disse que me ama? Que faz tudo que faz pensando em mim? Então hoje é a tua chance de me mostrar o teu amor. Não vou te pagar nada. Não vou te obrigar a nada. Eu estou só te pedindo. É um presente pelo meu aniversário.

OFÉLIA - Mas e se o teu tio também não entender nada? Aí tu não mata ninguém? Essa é a condição, Hamlet, pra eu fazer o que tu tá me pedindo.

HAMLET - Tudo bem.

OFÉLIA - Depois do show, me dá cinco minutos.

Hamlet dá um beijo em Ofélia e volta pro salão. Ofélia entra na suíte.

### **CENA 11 Salão**

**Jocasta** e **Creonte** entram no salão, ainda vestindo as roupas elegantes da pré-estréia. Édipo vai recebê-los. Hamlet conversa à parte com Polônio.

ÉDIPO - Meus amigos, aqui está Jocasta, a maior atriz do Brasil.

Cláudio, Gertrudes e Tirésias aplaudem Jocasta com entusiasmo. Os outros convidados, as putas e os garçons também aplaudem.

ÉDIPO - E seu irmão Creonte, um dos maiores produtores de cultura desse País.

Aplausos menos entusiásticos. Édipo beija Jocasta e leva os dois recém-chegados para a mesa.

ÉDIPO - Minha mãe e meu tio.

JOCASTA - Prazer.

Trocam beijos. Tirésias também cumprimenta Jocasta e Creonte. Hamlet se aproxima. Os garçons trazem champanha para todos.

ÉDIPO - Meu irmão, Hamlet. Ele está de aniversário.

JOCASTA - Parabéns!

ÉDIPO - Foi uma feliz coincidência, não é, Hamlet?  
(*para Creonte*) Como foi o coquetel?

CREONTE - Tudo bem. Perguntaram muito por ti.

ÉDIPO - (*para todos*) Um brinde a Hamlet!

Brindam. Polônio aproxima-se de Tirésias e diz alguma coisa no seu ouvido. Polônio se afasta. Pouco depois, Tirésias vai atrás dele, com um copo na mão. Os dois velhos encontram-se num canto do salão.

POLÔNIO - Depois do show, na suíte.

TIRÉSIAS - Não vou fazer nada na suíte.

POLÔNIO - Está tudo certo. O próprio Hamlet autorizou. A Helena vai estar te esperando.

TIRÉSIAS - Eu tô cansado demais. *(sorri)* É a idade nas minhas costas. E o álcool nas minhas veias. Diz pro Hamlet que vai ficar pra outro dia.

POLÔNIO - Eu digo pra ele. *(pausa)* Gostou da casa?

TIRÉSIAS - Eu já tinha ouvido falar do Clube Dinamarca, mas confesso que estou surpreso.

POLÔNIO - Dezoito anos atrás, o Chefe tinha só um nome maluco - Clube Dinamarca - cinco meninas fixas e uma boate caindo aos pedaços.

TIRÉSIAS - Mas ele também tinha o cafetão com a maior lábua de Porto Alegre. *(aponta para a mesa principal, onde estão os outros personagens)* Esse mundo dá muitas voltas. *(pausa)* O Édipo nunca desconfiou de nada?

POLÔNIO - Nunca.

TIRÉSIAS - A ignorância é a maior das bênçãos.

POLÔNIO - Depois que ele saiu de casa, o Chefe nunca mais falou com ele. Mas a dona Gertrudes telefonava de vez em quando, escondida.

TIRÉSIAS - *(pensativo)* A mãe... Claro. Uma mãe de verdade jamais abandona o seu filho. *(pausa)* Mas nem todas as mães são de verdade. Eu tenho que ir embora. Tchau, Polônio. Foi um prazer.

Tirésias aproxima-se da mesa.

TIRÉSIAS - *(para Édipo)* A noite está maravilhosa, e o champanhe melhor ainda, mas eu pego um avião amanhã bem cedo. Boa noite.

Édipo e Hamlet imediatamente ficam preocupados.

HAMLET - Mas agora vai começar o show da Helena. Helena de Tróia. O senhor tem que assistir.

GETRUDES - E o Páris é uma graça.

JOCASTA - Fica, Tirésias. Tu pode pegar o vôo do meio-dia.

Polônio aproxima-se e cochicha alguma coisa para Hamlet. Hamlet faz um sinal para a banda.

TIRÉSIAS - Já é tarde. Vocês, que são mais moços, que se divirtam.

A banda começa a tocar. Ofélia, ou "Helena", entra no palco, com um figurino pretensamente grego, e começa seu show.

HAMLET - Senta, Tirésias. A porta fica fechada durante os shows. Ninguém entra, ninguém sai.

Édipo faz Tirésias se sentar e coloca mais uísque no copo do velho. O stripper **Páris** entra no palco. Jocasta aplaude. Já está bastante bêbada e se diverte, ao contrário de Creonte, que parece mal-humorado. Jocasta levanta e começa a dançar. Cláudio e Gertrudes aplaudem. Creonte pega Édipo pelo braço e o afasta da mesa. Enquanto eles falam, Páris tira a roupa de Ofélia-Helena, simula fazer sexo com ela e depois a "rapta". Tirésias continua bebendo e assiste ao "show" com toda a atenção.

CREONTE - O que nós estamos fazendo nesse buraco?

ÉDIPO - É aniversário do meu irmão.

CREONTE - Pelo amor de Deus, Édipo. E o Tirésias? Foi tu que trouxe ele aqui?

ÉDIPO - Foi.

CREONTE - Tu enlouqueceu.

ÉDIPO - Eu tô trabalhando pelo sucesso do nosso filme. Relações públicas. (*olha para o palco, onde helena se apresenta*) Ele vai trepar com Helena e depois escrever uma crítica maravilhosa do filme.

CREONTE - Eu vou levar a Jocasta embora.

ÉDIPO - Ela tá se divertindo.

CREONTE - Ela tá bêbada.

ÉDIPO - Ela é minha mulher. Se ela quiser ficar, vai ficar.

Termina o número de Ofélia-Helena e Páris. Os dois saem do palco. Muitos aplausos.

CREONTE - Cansei das tuas manias, dos teus ataques, dessa tua pose de diretor de cinema temperamental. O teu problema, Édipo, é que tu acreditou quando te disseram que tu era um gênio. E agora deu no que deu.

ÉDIPO - *(muito irritado)* Deu no quê?

CREONTE - Deu nessa merda de filme.

ÉDIPO - Tu é um filho da puta. Tu só produziu porque é irmãozinho da Jocasta. Tu não vale nada, seu merda! O Tirésias me disse que gostou. Gostou muito!

CREONTE - Mentira. Eu vi a cara dele quando a luz acendeu. Eu vi a cara de todo mundo, Édipo. Eu não fugi como tu.

ÉDIPO - Vai à merda, seu escroto! Tu tá despedido.

CREONTE - Despedido do quê? Do rombo que esse teu filme de merda vai criar? Ótimo. Aceito a demissão.

ÉDIPO - O Tirésias vai escrever uma boa crítica. E depois que o filme for um sucesso, tu vai pedir pra voltar. Mas eu não vou deixar.

CREONTE - O filme poderia ser um sucesso, o roteiro é bom, mas tu fodeu esse filme quando decidiu atuar ao lado da Jocasta. Eu te avisei.

ÉDIPO - Avisou coisa nenhuma. Todo mundo disse que seria um ótimo golpe de marketing.

CREONTE - Nem tudo é marketing, Édipo. O público precisa gostar do casal protagonista, e eles odiaram. Eles lembraram de Laio. Eles te vêem como um aventureiro, um oportunista.

ÉDIPO - É mentira, canalha!

Hamlet se aproxima de Creonte e Édipo, trazendo Tirésias pelo braço e interrompendo a discussão. Tirésias já está trôpego.

HAMLET - *(para Édipo)* Ele quer falar contigo.

TIRÉSIAS - Eu agradeço muito, Édipo. Tu foi muito gentil, mas agora eu vou embora. E aquele teu presente... Fica pra outra vez.

Édipo pega no outro braço de Tirésias.

ÉDIPO - A noite é uma criança, meu senhor.

TIRÉSIAS - E eu sou um velho. Onde é a saída, por favor?

HAMLET - Eu vou mostrar.

Os dois arrastam Tirésias na direção da suíte. Creonte volta para a mesa. Hamlet faz um sinal para Polônio.

HAMLET - Chama o Bernardo.

### **CENA 12 Corredor da suíte/Salão/Escritório**

Édipo e Hamlet empurram Tirésias para dentro da suíte e saem, rumo ao salão.

Os dois cruzam o salão, rumo ao escritório. Hamlet faz um sinal para que Bernardo os siga.

Bernardo abre a porta do escritório. Hamlet abre o armário de aço e faz Édipo sentar-se na frente do monitor. Enquanto Édipo assiste, Hamlet escreve alguma coisa numa folha de papel, mas de vez em quando olha para o vídeo.

### **CENA 13 Suíte (vídeo pré-gravado)**

Tirésias e Ofélia estão sentados na cama. Tirésias com um copo na mão. Ofélia enrolada numa toalha.

TIRÉSIAS - Eu disse que não queria. Eles me arrastaram pra cá.

OFÉLIA - (*aproximando-se, insinuante*) Agora que tá aqui, vamos aproveitar.

TIRÉSIAS - É ridículo. Eu sou um velho. Tu podia ser minha neta.

OFÉLIA - Mas não sou...

Tirésias levanta.

TIRÉSIAS - Boa noite.

Ofélia tira a toalha.

OFÉLIA - Tem certeza? Vamos conversar mais um pouco.

Tirésias olha para o corpo de Ofélia.

TIRÉSIAS - Deixa eu sair. Vai ser mais fácil pra todo mundo.

Ofélia levanta-se e aproxima-se de Tirésias.

OFÉLIA - Se tu sair agora, o Hamlet e o Édipo vão ficar chateados. *(abraça Tirésias)* Eles querem que tu relaxe e te divirta um pouco.

TIRÉSIAS - Hoje eu não vou relaxar.

OFÉLIA - Claro que vai.

Ofélia vai beijar Tirésias, mas este escapa do abraço e senta na cama outra vez.

TIRÉSIAS - Não adianta.

Ofélia senta ao lado dele.

OFÉLIA - Eu sei que hoje foi a pré-estréia do filme do Édipo. Eu gostaria tanto de ir. Eu adoro cinema. *(pausa)* O filme é bom?

TIRÉSIAS - Eu só vou escrever a crítica amanhã. *(pausa)* Se escrever. *(pausa, está tonto)* Não vou escrever porra nenhuma de crítica.

OFÉLIA - Só me diz uma coisa: tu gostou do filme?

TIRÉSIAS - Quer mesmo saber?

OFÉLIA - Eu sou fã da Jocasta. Acho ela maravilhosa. A melhor atriz do Brasil.

TIRÉSIAS - Mas nesse filme ela está condenada. Esse filme é como se fosse uma maldição.

OFÉLIA - Por quê?

TIRÉSIAS - Porque Édipo não poderia estar ao lado de Jocasta. Muito menos fazer um par romântico com ela.

OFÉLIA - Mas eles até são casados!

TIRÉSIAS - (*explodindo*) Aí que está! Aí que está a maldição. Jocasta era a mulher de Laio. Laio e Jocasta eram um casal normal. Édipo e Jocasta... São... São um erro.

OFÉLIA - Mas Laio morreu há muitos anos. Um acidente. E ela ficou viúva. Todo mundo conhece a história.

TIRÉSIAS - Todo mundo conhece parte da história. Só eu conheço toda a história.

OFÉLIA - Então o filme não vai fazer sucesso?

Tirésias começa a rir.

TIRÉSIAS - Talvez no inferno. A esfinge talvez faça sucesso no inferno.

#### **CENA 14 Escritório / Salão**

Édipo levanta-se, indignado, e sai do escritório.

TIRÉSIAS - (*OFF*) Édipo está cego. Não sabe o papel sórdido que está representando.

HAMLET - Espera aí! (*mostra a folha de papel*) Eu escrevi a cena.

Édipo e Hamlet cruzam o salão.

#### **CENA 15 Corredor da suíte**

Hamlet segura Édipo antes que ele invada a suíte.

HAMLET - A nossa combinação foi que tu ficaria no escritório.

ÉDIPO - Esse velho gagá vai ter que me ouvir.

HAMLET - Tu não pode entrar, Édipo. Tu já descobriu o que queria.

ÉDIPO - Eu vou entrar.

HAMLET - A porta tá trancada. Volta pro escritório. (*mostra a folha de papel*) A cena que tu vai fazer. Eu escrevi. Tu tem que mostrar pra Jocasta.

ÉDIPO - Depois.

Édipo enfia o ombro na porta, que cede. Édipo e Hamlet entram na suíte.

**CENA 16 Suíte (vídeo pré-gravado)**

Ofélia grita e se enrola na toalha.

ÉDIPO - Repete o que tu disse, filho da puta!  
Repete que eu estou cego, que o meu filme é uma maldição!

OFÉLIA - *(para Hamlet)* Ele tava nos ouvindo?

ÉDIPO - *(para Tirésias)* Não nega. Eu ouvi. Eu vi tudo. Tem uma câmara no teto.

OFÉLIA - *(para Hamlet)* Que câmara, Hamlet?

Tirésias tenta sair da suíte, mas Édipo o empurra. Tirésias cai no chão. Ofélia olha para o teto, tentando descobrir a câmara.

OFÉLIA - Que câmara é essa? Tem uma câmara? *(para Hamlet)* Me diz que não tem câmara nenhuma.

HAMLET - Calma, Ofélia.

ÉDIPO - *(para Tirésias)* Tu e o Crente querem me arruinar. Ele te subornou. Quer me separar da Jocasta. Mas ela me ama! Ama a mim, Édipo. E o público também me ama.

TIRÉSIAS - *(levantando-se)* O público ama qualquer um. E depois esquece.

Édipo dá um tapa em Tirésias, que volta a cair.

ÉDIPO - Tu acha que o público ainda respeita o que tu escreve? Tu tá superado. Tu é um velho. Tua hora tá chegando. Eu sou jovem.

TIRÉSIAS - Tu perdeu o jogo, Édipo. Esse é o teu destino.

Ofélia sobe em cima da cama e tenta levantar o forro do quarto, à procura da câmara.

ÉPIDO - Esse é o destino que Creonte tá armando para mim, com a tua ajuda, filho da puta.

OFÉLIA - Onde está essa câmera?

HAMLET - Desce daí.

TIRÉSIAS - Tu não deve ter medo de Creonte. Tu deve ter medo de ti mesmo.

ÉDIPO - É o que faz o dinheiro, o poder, o talento. Quanta inveja ele tem de mim. Só por causa do meu sucesso, os que pareciam amigos agora são traidores e me preparam uma emboscada. Querem me derrubar. E tu, crítico de merda, artista frustrado, como todos os críticos, falso juiz e falso amigo, tu só pensa em ti mesmo e no dinheiro que Creonte te prometeu. Quando foi que tu escreveu alguma coisa que preste? A Jocasta me contou tua história. Um intelectual frustrado, implorando que os jornais publicassem tuas críticas a troco de banana. Por quê, naquela época, ninguém reconheceu o teu talento, ninguém percebeu que tu era um gênio? Porque tu nunca teve talento. Tu só subiu na vida porque Laio e Jocasta te levaram pro Rio, quando eles entraram na novela. Tiveram pena de ti, o amigo esfarrapado, morrendo de fome em Porto Alegre, enquanto eles se davam bem, e te arranjam um emprego no jornal. Tu não vale nada. Tudo que tu tem foi dado pelos outros, por Laio, por Jocasta e por Creonte. E agora Creonte não suporta o meu sucesso e quer a minha desgraça. Porque eu me fiz sozinho. Eu decidi sair dessa lama, desse puteiro onde nasci e onde iria morrer, cercada de cafetões e de putas, se não tomasse o meu destino em minhas mãos e acreditasse em mim mesmo. Eu venci por minhas próprias forças, Tirésias, e isso deve te deixar maluco. E agora tu quer que eu saia do caminho, pra continuar desfrutando dos favores de Jocasta. Tu e Creonte estão tramando contra o meu filme. Quem eram aquelas pessoas no cinema? Vocês compraram o público pra falar mal do filme. É isso! Mas vocês vão se arrepender.

TIRÉSIAS - Eu nunca estive a serviço de Creonte. O único serviço que fiz na minha vida foi para Laio. E me arrependo dele até hoje.

ÉDIPO - Mentira! Se tu não fosse tão velho, acabava contigo agora mesmo!

Ofélia finalmente descobre a câmera.

OFÉLIA - Está aqui! Uma câmera. Tem uma câmera!  
(para Hamlet) Tu sabia!

HAMLET - Eu não sabia de nada.

ÉDIPO - O Creonte te subornou. Quanto ele te deu?

OFÉLIA - Quem colocou essa câmera aqui?

HAMLET - O Cláudio.

TIRÉSIAS - Tu não pode ver o que tá acontecendo, Édipo. Eu sinto pena de ti. Nenhum homem jamais será triturado com tanta crueldade quanto tu. Tu sabe ao menos quem é a tua mãe?

OFÉLIA - Pra quê?

HAMLET - Não sei.

ÉDIPO - Eu não tenho vergonha da minha mãe, nem da minha família. Eu só decidi que não seria igual a eles. Eu decidi, tá entendendo? Eu. Tu nunca decidiu nada.

OFÉLIA - Eu vou falar com o Cláudio. Mas antes eu tenho que cheirar uma carreira. Tu tem pó?

HAMLET - Não é uma boa idéia Ofélia.

ÉDIPO - Sai daqui, velho.

TIRÉSIAS - Eu estou aqui por tua vontade, e não pela minha.

ÉDIPO - Se eu soubesse o que se passa nessa tua cabeça podre, não teria te convidado. Se eu soubesse que tu tinha tanta inveja de mim...

OFÉLIA - Me dá, Hamlet, ou eu vou fazer um escândalo tão grande que o Clube Dinamarca fecha pra sempre.

Hamlet pega o pacote de cocaína dado por Polônio e entrega para Ofélia. Ela imediatamente começa a preparar uma carreira.

TIRÉSIAS - Não tenho inveja de ti. Tenho pena.

ÉDIPO - Pena? Vai embora, desaparece daqui.

Édipo empurra Tirésias para fora da suíte. Hamlet vai atrás, sempre segurando sua folha de papel. Ofélia fica na suíte, cheirando.

### **CENA 17 Salão**

**Fortinbrás** e seus **dois capangas** entram no salão e sentam no balcão. Tirésias, em sentido contrário, está saindo, com Édipo e Hamlet no seu encalço. Jocasta percebe que alguma coisa está errada com Tirésias. Hamlet cumprimenta rapidamente Fortinbrás.

JOCASTA - O que foi?

ÉDIPO - Ele tá bêbado. Não sabe o que diz.

TIRÉSIAS - E ele não sabe o que faz.

ÉDIPO - Sai, velho. Antes que eu mande te expulsar.

JOCASTA - Calma, Édipo.

ÉDIPO - Me diz uma coisa, Jocasta. Por que tu defende esse velho brocha? Ele não serve pra mais nada. Ninguém presta atenção no que ele escreve. Ele tá superado. Por que tu não liga pro jornal e diz que ele deve se aposentar. Eles te ouviriam, Jocasta, porque tu botou ele lá.

JOCASTA - O que tu tá dizendo? O Tirésias é nosso amigo.

ÉDIPO - Nunca foi meu amigo. Era amigo teu, amigo de Laio, amigo de Creonte. Eu não sou amigo desse traidor. E também não sou amigo de Creonte. Ele tá fora, Jocasta. Tá despedido. Vamos achar outro produtor pro lançamento do nosso filme.

CREONTE - Cala boca, Édipo.

JOCASTA - Tu tá cansado.

ÉDIPO - Cansado de receber punhaladas pelas costas. (*aponta para Tirésias*) Ele disse que o filme é a minha maldição, que tem pena de mim, que eu vou ser triturado. Disse que o público não me aceita. Que Laio é o teu marido legítimo, e que eu sou um oportunista.

JOCASTA - Não acredito.

ÉDIPO - *(aponta para Hamlet)* Ele também ouviu. Ele viu Tirésias me amaldiçoando. Conta pra ela, Hamlet.

Hamlet fica quieto.

ÉDIPO - Fala!

Hamlet continua calado.

CREONTE - Ele não tem o que falar.

ÉDIPO - Conta!

Hamlet não reage. Édipo vai pra cima dele.

ÉDIPO - Conta pra eles o que tu viu.

HAMLET - Não vi nada. Não ouvi nada.

CREONTE - *(para Jocasta)* Vamos embora.

ÉDIPO - Vocês não vão pra lugar nenhum.

Édipo leva violentamente Hamlet para longe dos outros.

ÉDIPO - Tu viu tudo.

Hamlet mostra a folha com a cena que escreveu.

HAMLET - Eu conto, mas só depois que tu fizer o que a gente combinou.

Édipo olha para a folha de papel na mão de Hamlet. Começa a ler, mas desiste.

ÉDIPO - Depois. Depois eu faço.

HAMLET - Agora. Tu e a Jocasta.

ÉDIPO - Ela tá bêbada. Não tem condições de fazer nada.

HAMLET - Problema teu. Eu te juro, meu irmão, que tu vai cumprir o nosso trato, ou não sai vivo do Clube Dinamarca. Representa isso aqui, e depois eu confirmo o que o velho falou.

ÉDIPO - (*irritado*) Me dá esse troço.

Édipo pega a folha das mãos de Hamlet e se afasta, lendo, na direção da mesa principal.

ÉDIPO - O meu irmão está de aniversário, e me pediu que o ajude num pequeno espetáculo. (*para Tirésias*) E tu, velho, pode ficar. Mas fica quieto.

Édipo senta ao lado de Jocasta e mostra-lhe a folha de Hamlet. Ela lê, sem entender nada. Ouvimos a microfonia de um microfone sendo ligado. Hamlet está no palco, segurando um microfone. As luzes diminuem. Um canhão de luz é apontado para Hamlet.

HAMLET - Caros amigos, caras amigas, hoje é um dia especial para mim. Muito mais especial do que eu pensava que seria. E uma das surpresas deste dia foi ver entrar, aqui no Clube Dinamarca, dois dos maiores artistas deste País. Vocês sabem que eu costumo usar este microfone para apresentar os famosos shows do Clube Dinamarca. Mas eu jamais imaginei que teria a oportunidade de chamar para este pequeno palco um casal que já faz parte da história da TV e do cinema brasileiros. E vocês jamais imaginaram que veriam os dois representando aqui, fazendo uma pequena homenagem a este clube, que foi criado pelo meu pai há mais de vinte anos, e que com certeza gostaria de estar aqui, agora, com todos nós, neste momento tão especial. Caros amigos e caras amigas, com vocês... (*faz um suspense*) Jocasta e Édipo!

Sob aplausos entusiasmados, Édipo traz Jocasta pela mão até o palco. Édipo está com a folha de Hamlet na outra mão. Hamlet recebe-os e aponta o microfone para Édipo. Jocasta está tão bêbada que não entende bem o que está acontecendo.

ÉDIPO - Muito obrigado. (*mostra a folha de papel para o público*) É um roteiro pequeno, mas não é fácil de interpretar. Não sei se a gente vai conseguir. (*para Hamlet, mas falando ao microfone*) E aqui tem um terceiro personagem, que não fala, mas é importante.

Hamlet se adianta e fala ao microfone.

HAMLET - Para interpretar esse personagem, vou pedir que uma pessoa muito importante aqui no Clube Dinamarca, que acompanhou a sua criação e o seu

crescimento, nos ajude na encenação. Para aplauso de todos, chamo o meu amigo Polônio.

Aplausos. O canhão aponta para Polônio, num canto do salão. Ele não se mexe. Hamlet desce do palco, vai até Polônio e o traz pela mão até o palco. Polônio está surpreso e assustado. Hamlet aproxima-se do microfone.

HAMLET - Peguei o Polônio de surpresa. *(para Polônio)* Não te assusta. É muito simples. Tu só tem que ficar parado aí mesmo, e fazer o que o Édipo te pedir. Não tem que falar nada. Só reagir ao que vai acontecer. *(pausa)* Mais aplausos para Polônio que ele merece!

Aplausos. Vivas. Assobios.

CLÁUDIO - Manda brasa, Polônio!

HAMLET - E aqui está o teu figurino.

Hamlet pega um casaco, que estava escondido atrás do palco, e coloca-o nos ombros de Polônio, ainda assustado demais para fazer qualquer coisa. Hamlet fala alguma coisa para Polônio e volta ao microfone.

HAMLET - Quem conhece o Clube Dinamarca, sabe a quem pertencia este casaco.

FORTINBRÁS - *(erguendo seu copo)* É o casaco do Chefe. Em nome de todos os seus concorrentes, que aprenderam a admirar a maneira honrada com que ele conduzia seus negócios e suas relações, pessoais e comerciais, proponho um brinde.

Quase todos os presentes levantam seus copos.

FORTIBRÁS - Ao chefe.

TODOS - Ao chefe!

Todos bebem um gole. Hamlet vai sair do palco, mas Édipo segura-o e se aproxima do microfone.

ÉDIPO - Tu não vai embora, meu irmão. Aqui tá escrito o que devemos fazer e o que devemos falar, mas não está clara a maneira como devemos atuar. Antes de sair, Hamlet, tu deve dizer que tipo de interpretação devemos dar para o teu texto. O que é isso? Uma farsa?

Édipo oferece o microfone para Hamlet.

HAMLET - Acho que uma boa interpretação deve ser natural. Se a atuação é forçada, o público não acredita nela. Não precisam fazer gestos grandiosos. A vida é feita de pequenos detalhes, e os maiores heroísmos e as maiores traições são sempre feitas silenciosamente, sem que quase ninguém as perceba. Mas não precisam ser fracos, e vocês sabem disso melhor do que eu. É preciso combinar os gestos com os diálogos, e os diálogos com a ação. Tudo sem exageros, porque exageros não melhoram a representação. Pelo contrário. O objetivo de um bom drama é criar uma espécie de espelho do mundo, mostrando as qualidades do que é bom, e a face terrível do que é mau. Alguns atores exageram, falam muito alto, andam como se fossem pavões. E o público pode até rir deles. Mas o objetivo desta pequena representação não é fazer rir. É fazer com que uma certa verdade apareça. Só isso.

Édipo puxa os aplausos. Hamlet sai. Édipo vai começar, mas Jocasta se adianta, meio trôpega, e Édipo não consegue impedi-la de falar. Depois que ela começa, ele tenta interrompê-la, mas é inútil.

JOCASTA - Boa noite a todos. Eu... Eu confesso que tudo isso é muito estranho. Mas eu subi neste palco porque o Édipo me disse que era importante pro nosso filme. E vocês sabem o quanto eu amo o Édipo e o quanto é importante que esse filme faça um grande sucesso. Esse filme se chama A Esfinge, e é o primeiro filme que nós dois atuamos juntos. E eu vou dizer pra vocês... É ótimo atuar ao lado de um grande ator e de ser dirigida por alguém que é especial. Muito especial em tudo o que faz. Eu quero ouvir agora uma grande salva de palmas para Édipo, o grande decifrador de enigmas!

Palmas entusiasmadas. Édipo consegue afastar Jocasta do microfone.

ÉDIPO - Obrigado. É muito bom receber o carinho de vocês. Principalmente quando algumas pessoas maldosas, invejosas, que não suportam o sucesso dos outros, pretendem nos atacar. *(olha diretamente para Tirésias)* Essas pessoas vão receber o que merecem, porque não passam de lixo, de escória, de...

TIRÉSIAS - *(gritando)* E tu também vai receber o que merece. *(pausa)* Assassino!

ÉDIPO - Repete, se tu é homem!

Tirésias aproxima-se do palco.

TIRÉSIAS - Repito, sim. Assassino!

Hamlet volta ao palco.

HAMLET - Calma, pessoal. *(para Édipo)* Vamos voltar ao roteiro.

Tirésias tenta subir ao palco, mas é impedido por Édipo, que o empurra. Na queda, Tirésias consegue pegar o cabo do microfone e cai com ele na frente do palco.

TIRÉSIAS - Agora tu vai me ouvir.

HAMLET - Cortem o som do microfone.

ÉDIPO - Não! Deixa. Assim todo mundo vai perceber que esse velho é louco. *(pausa; agora confiante)* Quem eu matei, Tirésias?

O canhão ilumina Tirésias.

TIRÉSIAS - Esse rapaz diz que sou louco, que estou superado. Mas ele não sabe que a loucura é uma benção, quando a verdade é terrível demais.

ÉDIPO - Quem eu matei? Diz, velho!

TIRÉSIAS - Tu matou Laio.

ÉDIPO - Louco!

JOCASTA - Pára, Tirésias. Laio morreu num acidente.

TIRÉSIAS - Não foi um acidente. Ele não agüentou se sentir um velho, ele não agüentou o jogo sujo desse merda.

JOCASTA - Eu estava lá. Laio caiu da cobertura do hotel, durante a festa de lançamento da novela. Estava bêbado. O Édipo nem estava na festa.

TIRÉSIAS - Laio não caiu. Ele se jogou. Sabe por quê? *(aponta para Édipo)* Porque tu fez de tudo pra tirar o papel dele. E conseguiu.

ÉDIPO - Mentira! *(para Jocasta)* Tu sabe que é mentira.

JOCASTA - Tirésias, porque tu tá falando essas coisas? O Laio estava entusiasmado com a novela, tinha um papel importante...

ÉDIPO - *(nervoso, para Cláudio)* Tio, manda tirar esse velho bêbado daqui.

Cláudio faz um sinal para Bernardo e Marcelo.

TIRÉSIAS - Laio estava desesperado, Jocasta. O Édipo tinha convencido o autor da novela que Laio era velho demais para o papel. Não sei como o Édipo conseguiu, mas ele conseguiu. Édipo é muito sedutor. Tu sabe muito bem disso, Jocasta.

Bernardo e Marcelo aproximam-se de Tirésias. Cláudio vem um pouco atrás deles.

ÉDIPO - Velho louco! Tirem esse velho daqui.

TIRÉSIAS - O autor chamou Laio naquele dia e anunciou que ele não faria mais o papel. O próprio Laio me contou tudo na festa. E pouco depois se jogou. *(para Jocasta)* Laio mentiu pra ti, Jocasta. Ele não quis admitir que tinha perdido o papel. E, depois da morte, é claro que o autor nunca contou que tinha cortado Laio. Mas já se passaram nove anos. Talvez agora ele conte pra ti. Liga pro Aguinaldo, Jocasta. Tu tem o número. Mesmo que ele não admita, tu vai perceber como ele vai ficar nervoso.

ÉDIPO - É tudo invenção. Foi um acidente. *(para Jocasta)* Eu nunca falei com o autor. *(para Cláudio)* Tira ele daqui!

Marcelo e Bernardo seguram Tirésias e tentam arrastá-lo para fora. Tirésias se debate e resiste.

JOCASTA - *(nervosa)* Mas o Édipo nem fez essa novela. Ele não ganhou nada com a morte de Laio.

TIRÉSIAS - Mas ele já estava te querendo Jocasta. Ele estava querendo a atriz mais famosa do Brasil! Ele estava no enterro, não estava? E ele te visitou uma semana depois, lembra? E ele conseguiu! Matou o próprio pai e depois casou com a própria mãe!

JOCASTA - O quê?

TIRÉSIAS - Esse é o castigo para a ambição sem limites.

ÉDIPO - Chega! Seu filho da puta!

Édipo se joga em cima de Tirésias. Confusão total. Todos saem do palco. Gritos. Hamlet tenta usar o microfone, mas não há som. Bernardo e Marcelo conseguem tirar Tirésias do Clube. De repente, um tiro. Mais gritos. Algumas pessoas se jogam no chão. Black-out. Quando a luz, volta, Ofélia está no palco, com uma arma na mão. Há um pouco de sangue em suas narinas. Ela não consegue olhar para a frente, com o canhão nos seus olhos.

OFÉLIA - Tirem essa porra de luz! Tirem! Cadê o filho da puta? Onde ele está?

POLÔNIO - Minha filha!

OFÉLIA - Pai? Onde tu tá?

Polônio sobe devagar para o palco. Estende a mão na direção da filha.

POLÔNIO - Me dá essa arma, Ofélia.

OFÉLIA - Me diz que tu não sabia!

POLÔNIO - Sabia do quê?

OFÉLIA - Da câmara na suíte.

POLÔNIO - Eu...

OFÉLIA - Eu estou vendo a resposta nos teus olhos, Como tu pôde fazer uma coisa assim?

Tu sempre me dizia que a nossa vida ia mudar, que nós iríamos sair dessa cidade pra recomeçar...

*(olha para Hamlet)*

E tu me dizia que isso era verdade,

que o meu pai tinha razão,

que eu tinha que batalhar

só mais alguns meses

e então... Tudo iria melhorar.

*(para Polônio)*

E, enquanto eu esperava, vocês me olhavam.

Vocês me assistiam.

Um pai não faz uma coisa dessas.

Tu não é meu pai. É um monstro.

*(para Hamlet)*

E tu, Hamlet, que num dia dizia que me amava,  
e no outro que o amor não valia nada,  
tu sabia que eu te adorava.

Se meu mundo era o Clube Dinamarca,  
e nunca pensei em sair daqui,  
era porque esse também era o teu mundo.

Não me importava se era sujo, se era imundo,  
era um lugar em que podia olhar pra ti.

Tu sabe: eu repartia meu corpo,  
mas o meu amor eu nunca dividi.

Ofélia cai, desacordada. Polônio ajoelha-se ao lado do corpo. Hamlet sobe no palco e também ajoelha-se. Polônio examina Ofélia e descobre, em sua mão esquerda, o invólucro do pacotinho de cocaína que ele mesmo entregara para Hamlet.

POLÔNIO - Está morta! Minha filha está morta!  
*(aponta para Hamlet)* Assassino! Tu deu a droga pra ela. Tu sempre dava droga pra ela. *(chorando)* E eu também sou assassino! *(fora de si)* Assassinos, assassinos! Todos nós!

Hamlet segura Polônio e o abraça com força. Depois olha para o cadáver de Ofélia e aproxima-se dela.

HAMLET - Eu amei Ofélia. E um milhão de pais,  
por mais que a amassem, não a amariam mais.  
Muitas vezes falamos em partir,  
em deixar o Clube Dinamarca, em sumir.  
Mas esta era a nossa casa.  
Não sabíamos nem falar,  
mas já sabíamos que daqui  
vinha o dinheiro pra nos sustentar.  
Nossos pais tinham que fazer cara feia,  
e gritar, e às vezes até brigar,  
porque estavam defendendo o nosso lar.  
E, ao mesmo tempo, nos ensinavam  
que a vida tinha muitos lados,  
que até podiam ficar um tempo na cadeia,  
mas nunca, em tempo nenhum,  
deixariam de nos amar.  
Dizíamos que eram empresários,  
e trabalhavam duro para divertir  
as pessoas mais importantes e famosas da cidade.  
O que podiam fazer duas crianças  
que só tinham uma à outra para tatear o mundo  
à procura da felicidade?  
Eu subia a palco e sonhava em sentir

o calor da luz dos refletores,  
 e Ofélia queria vestir roupas bonitas  
 e descobrir porque os homens  
 aplaudiam e jogavam flores.  
 Brincávamos de dia nas camas  
 em que nossas amigas, nossas tias,  
 trabalhavam à noite.  
 Pode parecer um pesadelo,  
 mas para nós era simplesmente a vida,  
 e contra esse destino não havia apelo.  
 Mas a morte de Ofélia nunca aconteceria  
 se o Clube Dinamarca continuasse sendo o que foi,  
 em vez de ser o antro sujo em que se tornou.  
 E o que está sujo será limpo.  
 Que morra o criminoso imundo que sujou,  
 ou que morra o desleixado que não limpou.

Cláudio sobe ao palco. Édipo também sobe o palco. Bernardo e Marcelo voltam para o salão.

CLÁUDIO - Eu peço calma a todos! Uma ambulância já está a caminho.

Polônio livra-se de Hamlet e parte pra cima de Cláudio, com uma faca na mão.

POLÔNIO - Assassino!

Édipo segura Polônio e o desarma. Cláudio aproveita, pega a faca e a enfia na barriga de Polônio. Polônio cambaleia e tenta deter, inutilmente, o sangue que corre da ferida. Mas ainda tem forças para falar.

POLÔNIO - Édipo, como sempre, tu tá do lado errado. Tu sempre fez tudo errado. O Chefe te adorava, Édipo, ele fez tudo por ti, ele sonhava em te entregar o Clube Dinamarca.

ÉDIPO - Eu nunca quis o Clube Dinamarca.

POLÔNIO - O teu orgulho é tão ridículo, Édipo. Tu acha que fez as escolhas certas. E tu só fez as escolhas erradas. *(para a platéia)* Tudo que Tirésias disse é verdade! Édipo matou seu pai e divide a cama com sua mãe.

ÉDIPO - Meu pai morreu de ataque cardíaco, aqui no Clube. Eu estava no Rio de Janeiro.

POLÔNIO - Não é da morte do Chefe que estou falando. Estou falando da morte de Laio. *(aponta*

*para Jocasta*) E tu, Jocasta, nunca desconfiou de nada? Não notou a semelhança entre Édipo e Laio?

JOCASTA - O que tu tá dizendo?

POLÔNIO - Eu estou dizendo que aquele bebê que saiu do teu ventre, há trinta anos, e que tu entregou para Tirésias não foi deixada na porta da um orfanato. Tirésias teve pena da criança e levou ela pro apartamento dele. Nós éramos vizinhos. Quando eu vi o bebê, pensei logo no Chefe e na Gertrudes, que queriam um filho há tanto tempo e não conseguiam. Eles olhavam para a Ofélia, que tinha poucos meses, e não cansavam de dizer: "Nós também queremos um bebê assim". Então Tirésias me entregou a criança eu a trouxe para o Clube Dinamarca.

ÉDIPO - Não pode ser verdade. *(para Gertrudes)* Mãe, diz que não é verdade.

Gertrudes chora.

POLÔNIO - Eles deviam ter dito que tu era adotado, Édipo, mas eles te amavam tanto que não foram capazes. Mesmo quando Hamlet nasceu, tu ainda era adorado. Mas tu não queria saber de putas e cafetões. E foi embora. E agora está de volta, para descobrir toda a verdade. *(pausa)* Eu também vou embora. Mas não vou voltar. Vou ficar com Ofélia.

Polônio cai, morto. Creonte está ao lado dela, protegendo-a.

ÉDIPO - *(para Jocasta)* Não é verdade. Nada disso é verdade. Esses dois velhos estavam malucos.

Jocasta pega o celular e começa a discar.

ÉDIPO - O que tu tá fazendo?

Jocasta termina de discar.

JOCASTA - Alô. *(pausa)* Aguinaldo, é a Jocasta.

Édipo se aproxima de Jocasta, mas Creonte fica em seu caminho. Édipo, num movimento rápido, pega o revólver que está na mão de Ofélia e o aponta para Creonte.

ÉDIPO - Sai da minha frente.

CREONTE - Não.

JOCASTA - Eu quero saber o que aconteceu com Laio na noite em que ele morreu.

Édipo atira em Creonte, que cai, morto. Gritos, tumulto. Édipo segura Jocasta, que resiste. Édipo pega o celular e o atira longe.

ÉDIPO - Nós vamos sair daqui.

Hamlet saca sua pistola, a encosta no ouvido de Édipo e desarma-o. Jocasta cai com a confusão.

HAMLET - Eu te avisei. Tu só sai daqui depois que cumprir nosso trato.

ÉDIPO - Chega de loucura.

HAMLET - Não. O espetáculo tem que continuar. Que venha colheita, depois de tanta sementeira.

Hamlet afasta-se de Édipo, mas continua apontando a pistola para ele. Olha para a platéia, que está muito confusa: mesas caídas, gente em baixo das mesas, gente tentando sair do Clube.

HAMLET - Minha mãe e meu tio ainda estão aqui?

GERTRUDES - Nós estamos, Hamlet. E confiamos em ti. É melhor baixar essa arma.

HAMLET - Eu escrevi essa pequena cena em homenagem a vocês.

CLÁUDIO - Não é um bom momento para homenagens.

HAMLET - Como não? Finalmente o Clube Dinamarca está trazendo a verdadeira arte para este palco. *(olha para os três cadáveres)*. Um, dois, três, já se foram. Mas eles não foram os primeiros, nem serão os últimos. Quero que vocês prestem bastante atenção na cena. Os diálogos não são importantes. O que interessa é o enredo. *(para Édipo)* Podem começar.

CLÁUDIO - Hamlet, chega! A brincadeira acabou. Me dá essa pistola.

HAMLET - Não.

CLÁUDIO - Bernardo! Marcelo!

Bernardo e Marcelo chegam no palco e apontam suas armas para Hamlet.

HAMLET - Eles não teriam coragem.

CLÁUDIO - Eles são pagos pra isso. Coloca a tua pistola no chão.

HAMLET - Não vai ser tão fácil assim, tio Cláudio. Fortinbrás!

Fortinbrás e seus dois seguranças sacam armas e apontam para Cláudio, Bernardo e Marcelo.

CLÁUDIO - Traição!

HAMLET - Tu conhece bem a palavra, tio. Agora vamos ver se também conhece a ação. *(para Édipo)* Começa!

ÉDIPO - Eu não posso fazer a cena sem a Jocasta. A primeira fala é dela. E ela não vai...

JOCASTA - *(cortando)* Eu faço, mas tem uma condição.

HAMLET - O que a senhora deseja?

JOCASTA - O meu celular. E dois minutos de silêncio.

Vanessa alcança o celular para Jocasta. Ela imediatamente começa a ligar

ÉDIPO - Pra quem tu tá ligando, Jocasta?

HAMLET - Fica quieto.

JOCASTA - Aguinaldo, sou eu de novo.

Jocasta ouve por algum tempo. Depois desliga o celular

JOCASTA - Estou pronta para começar.

ÉDIPO - O que ele te disse?

JOCASTA - *(para Hamlet, decidida)* Podemos começar?

HAMLET - Fortinbrás, por favor. Preciso de ti aqui no palco. *(para Cláudio)* Está tudo sob controle, tio. Manda eles baixarem as armas.

Hamlet guarda sua arma. Cláudio faz um sinal para Bernardo e Marcelo, que guardam as suas. Fortinbrás e seus dois seguranças fazem a mesma coisa. Fortinbrás sobe no palco. Hamlet tira o casaco de Polônio e o coloca sobre os ombros de Fortinbrás. Hamlet fala alguma coisa ao ouvido de Fortinbrás. Depois alcança um copo de uísque para Jocasta.

HAMLET - *(para Jocasta)* Está tudo pronto. *(para a técnica)* Luz!

A luz de serviço se apaga. Apenas o canhão ilumina o palco.

JOCASTA - *(para Fortinbrás)*  
 Há muitas noites estás assim, meu querido  
 sentado no escritório, em pensamentos perdido  
 Não é este o homem com quem casei,  
 que tinha sempre uma piada pra contar  
 de pé, bem rijo, encostado no balcão do bar  
 E ria tanto que contagiava todo o clube.  
 Tu tá estranho. Será que te desgostei?  
 Fiz algo que não devia,  
 mudei algo que não queres que eu mude?  
 Ou será que não gostas mais de tua Gertrudes?

ÉDIPO - *(lendo para Jocasta)*  
 Esse tipo de problema se conserta sozinho.  
 Deixa meu irmão comigo.  
*(para Fortinbrás)*  
 Trouxemos um uísque, meu amigo.  
*(Jocasta entrega o copo para Fortinbrás)*  
 Não sei o que se passa, não sou adivinho  
 Lembra do que dizíamos no colégio dos padres?  
 Se é pra tomar um bom vinho,  
 eu também posso dizer amém.

Fortinbrás bebe. Logo depois, leva a mão ao pescoço. Cláudio e Gertrudes ficam muito perturbados. Hamlet olha os dois e sorri, vitorioso.

ÉDIPO - *(lendo)* Mas não te caiu bem?  
 Por muitos anos essa poção foi envelhecida.  
 É preciso saber esperar por esta nobre bebida.  
*(para Jocasta)*  
 Este momento finalmente chegou, minha querida.

Fortinbrás cai, morto, no chão. Jocasta faz menção de aproximar-se do corpo de Fortinbrás, mas Édipo a impede.

ÉDIPO - Não é preciso mais representar teu papel.  
 Ele está morto, não vai mais atrapalhar.

Cumpriu-se nosso plano, a peça já pode acabar.

Édipo abraça Jocasta.

JOCASTA - E acaba como devia.  
O patife está morto,  
e nós podemos nos amar.

Édipo e Jocasta simulam um beijo. Cláudio invade o palco.

CLÁUDIO - Luz! Acendam a luz!

HAMLET - Pra ti, só se for a luz das fogueiras do inferno.

Hamlet vai atirar em Cláudio, mas Gertrudes se atira na frente dele. Isso não impede Édipo de atirar, primeiro nela, e depois em Cláudio. Os dois caem. Gritos, correria, pânico. Hamlet aponta a arma para Gertrudes.

HAMLET - A vida inteira estive cercada de putas.  
Fui confidente de algumas, fui amigo de muitas.  
E nunca senti, por nenhuma delas,  
o desprezo e o ódio  
que agora sinto por ti, minha mãe.

Hamlet atira em Gertrudes mais uma vez. Jocasta tira a pistola de Hamlet e a aponta para Édipo.

JOCASTA - Aguinaldo confirmou o que Tirésias disse.  
Tu convenceu o autor a tirar o papel de Laio. Ele não agüentou. E tu não cansava de me consolar. E como tu era bonito, como tu me dizia coisas bonitas, como tu me ajudou a superar a minha dor, eu acreditei em ti, Édipo. E eu te amei. Te amei até hoje, sem pedir nada em troca. Eu te dei tudo que tinha, Édipo, e agora só posso te dar mais uma coisa. A única coisa justa que te toca.

Jocasta atira em Édipo, que cai, morto. Depois, aponta a arma contra sua própria cabeça e atira. Cai, morta. Fortinbrás, seus seguranças, Bernardo e Marcelo finalmente abaixam suas armas. Hamlet é o único vivo, num palco coberto com o sangue de sete cadáveres: Ofélia, Polônio, Creonte, Édipo, Gertrudes, Cláudio e Jocasta. Hamlet pega a arma na mão de Jocasta e olha para a platéia. Tirésias, lentamente, volta ao salão e sobe ao palco, ao lado de Hamlet. Tirésias olha para os cadáveres, aterrorizado.

HAMLET - *(para Tirésias)*  
A vida de um homem dura um nada.

Aqui estavam sete vidas;  
foram-se as sete, numa só ceifada.  
Estão abertos os portões do inferno,  
chega ao Clube Dinamarca  
o cheiro dos seus caldeirões.  
Eu poderia beber o sangue desses cadáveres,  
só eu sei do que sou capaz.  
Profaná-los, mutilá-los,  
e amanhã, que diferença isso faz?  
Nenhuma. Nem para mim, nem para vocês,  
nem para quem nesse palco jaz.  
Meu irmão nunca foi meu irmão.  
Matou seu pai e trepava com sua mãe.  
Meu tio matou meu pai  
e trepava com minha mãe.  
Tudo isso tem nome.  
Parricídio, fratricídio, incesto.  
*(aproxima-se de Ofélia e ajoelha-se ao lado dela)*  
Mas não tenho nome para este crime  
Eu lembro dela tão pequena,  
tinha uma infinita graça.  
Brincamos juntos tantas vezes,  
sem imaginar vilania ou trapaça.  
Não posso mais sentir o calor  
dos lábios que beijei.  
E que depois tantos beijavam.  
Mil vezes a reneguei.  
E mil vezes de novo a amei.  
Onde está o teu sorriso?  
Não ouço a tua voz.  
*(para Tirésias)*  
Tu, que é velho, talvez possa me dizer:  
onde ela está, pra onde ela vai?  
Devemos acreditar no fantasma de meu pai?  
Vamos todos nos encontrar no inferno?  
O corpo de meu pai, cremado,  
transformado em cinzas, eu sei onde está.  
Mas o seu espírito continua a arder?  
E Ofélia, que pecava por profissão,  
mas deixava esse mundo mais feliz,  
vai ser colocada numa fogueira  
e queimar por ser meretriz?  
*(aponta a pistola para a própria cabeça e grita  
para a platéia)*  
Alguém aí pode me responder?  
Alguém sabe o que vamos encontrar?  
Alguém tem uma explicação pra nossa dor?  
Primeiro o mundo parece tão corajoso,  
tão cheio de som e fúria,  
parece capaz de vomitar qualquer coisa,  
de desvelar qualquer verdade,

de tornar possível qualquer vontade,  
de fazer real toda ilusão.  
Mas depois, quando mais precisamos dele,  
ele se cala como um bundão.  
E todas as palavras, gritos, risos e soluços  
se transformam nisso: um teatro quase vazio,  
em que os personagens já se foram,  
e a platéia só espera o final para aplaudir.  
Podem ir, podem ir! Quanta inocência...  
Eu tento ouvir alguma coisa, qualquer coisa,  
e só ouço a voz muda da minha própria consciência.  
(pausa)  
O resto é silêncio.

Hamlet atira e cai. Black-out.

**FIM**